

# PUC

**RICARDO DE BARROS CABRAL**

**A IDÉIA DA PSICANÁLISE**

**Dissertação de Mestrado**

**Departamento de Psicologia**

**Rio de Janeiro, 30 de junho de 1995**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO**

**RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 – CEP 22453**

**RIO DE JANEIRO – BRASIL**

N. Chamada: 150 / C117 / Tese UC

Título: A ideia da psicanálise /



Ex: 2-CENTRAL

172

172

Ricardo de Barros Cabral

**A IDÉIA DA PSICANÁLISE**

Dissertação de Mestrado

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1995

Ricardo de Barros Cabral

## **A IDÉIA DA PSICANÁLISE**

Dissertação apresentada ao departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Circe Navarro  
Vital Brasil

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1995

Uc - 62 141-3



89980

150  
C 141 L  
VESE UC

## Agradecimentos

### Meus Agradecimentos:

a Circe, orientadora da dissertação, pela liberdade e apoio consentidos.

Ao Professor Sérvulo Figueira, pelos inesquecíveis diálogos.

A Vera e Marise, exemplos de dedicação ao trabalho.

Ao Cnpq pelo financiamento

Ao departamento de psicologia da P.U.C.

## Sinopse

O objetivo desta dissertação é isolar a Idéia da Psicanálise estabelecida por Jacques Lacan mediante um tão bem sucedido esforço de simplificação matemática da descoberta freudiana que tornou inevitável recusar como inconseqüente, e "fundado" tão só na obscuridade contingente de alguns conceitos psicanalíticos fundamentais, o pluralismo relaxado, e, por isso mesmo, desfigurador, em voga nas correntes e escolas contemporâneas. Aqui são expostas apenas as noções elementares, mas essências, da Psicanálise; suficientes, em todo caso, não só para interditar versões e reduções psicologizantes, quanto para fomentar o único pluralismo conveniente à causa freudiana: não um pluralismo de plurais, mas um pluralismo de pluralismos, autênticamente criador. A álgebra lacaniana é estudada como cartografia das linhas de força do campo freudiano: prescrição de prudência e não discurso do método, ela, ao mesmo tempo em que desestimula o despropósito, a invencionice, é convite e estímulo à invenção.

## Abstract

The purpose of this thesis is to isolate the "idea" of Psychoanalysis as established by Jacques Lacan through a successful effort of "mathematical" simplification of the freudian finding, demanding the refusal of the loose, and hence distorting, pluralism in fashion in today's psychoanalytical trends and institutions, under the charge of being inconsequent and "founded" merely on the contingent obscurity of some fundamental psychoanalytical concepts. Only the elementary, though essential, psychoanalytical notions are presented here; which, however, should be enough, on the one hand, to forbid psychology-like versions and reductions, and, on the other, to foster the only pluralism convenient to freudian cause: not a pluralism of plurals, but a pluralism of pluralisms, authentically creative. Lacan's algebra is studied as a cartography of the force lines of the freudian field: a precept of prudence instead of a discourse on method, it discourages absurdities and artifices, inviting and stimulating invention, at the same time.

## Sumário

INTRODUÇÃO	1
CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	5
DO MÉTODO	10
A CONSTITUIÇÃO SEXUAL NÃO-TODA: $\hat{A}$	13
DEFINIÇÃO DA PSICANÁLISE	13
SOBRE A NOÇÃO DE ESTRUTURA	14
O NÃO-TODA E A TRANSMISSÃO	16
O SIMBÓLICO EM PSICANÁLISE	17
A FUNÇÃO SIGNIFICANTE E A DEMANDA DE SABER: $S_1-S_2$	21
O SIGNIFICANTE PARA PSICANÁLISE	21
PARA A LINGÜÍSTICA...	22
A DIFERENÇA SEXUAL NA LÍNGUA	23
SOBRE A ESTRANHA DEFINIÇÃO DE SIGNIFICANTE	24
O SIGNIFICANTE E O TEMPO	27
DEVIDO AO SIGNIFICANTE DISPENSA-SE A ONTOLOGIA	28
A IMPOSSIBILIDADE DE HARMONIA	29
A EQUIVOCAÇÃO NECESSÁRIA	30
MATEMAS: $S_1-S_2$	31
A PARADOXAL CONDIÇÃO DO CASTRADO: $\$$	33
A "DEFINIÇÃO" DE SUJEITO EM PSICANÁLISE	34
RESPONSABILIZAR O SOFRIMENTO ?	37



NÃO HÁ CORPO SENÃO DO GOZO	40
O ESTATUTO ÉTICO DA PSICANÁLISE	42
MATEMAS: \$	44
OS DESCAMINHOS DE LACAN	47
O \$ E GOZO	49
OS LIMITES DO USUFRUIR E AS COMPLICAÇÕES DO GOZO	50
<b>O INELIMINÁVEL DEJETO: a</b>	<b>55</b>
AS DESVANTAGENS DO VOCABULÁRIO FREUDIANO	55
DOS LIMITES DA CIÊNCIA AO INCONSCIENTE SEXUAL	58
RELER FREUD?	61
MALENTENDIDOS ATUAIS	62
O SIGNIFICANTE E A CAUSA	63
O CORPO DO GOZO	65
A DIFERENÇA SEXUAL E O SIMBÓLICO	67
A PSICANÁLISE NÃO É UMA CIÊNCIA	69
<b>AS POSSIBILIDADES DE LAÇO SOCIAL E O NOVO LAÇO: a→\$</b>	<b>71</b>
AS POSSIBILIDADES DE LAÇO SOCIAL	73
DISCURSO DO MESTRE: O COMANDO	73
DISCURSO UNIVERSITÁRIO: O COMENTÁRIO	74
DISCURSO HISTÉRICO: A INTERROGAÇÃO	75
A POSIÇÃO SUBJETIVA DE FREUD	76
DISCURSO DO ANALISTA: A ESCANSÃO	77
IDÉIA DA PSICANÁLISE	78
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>80</b>

## Palavras Chave

1- significante

2- sujeito

3- objeto a

4- não-toda

5- castração

6- alíngua

7- gozo

8- Psicanálise

## Introdução

Os escritos que se reclamam de Freud e da psicanálise não cessaram de proliferar desde que o fundador desta estranha disciplina deu seus primeiros passos no caminho da descoberta do inconsciente, da pulsão de morte e de sua investigação racional. Sob o nome **psicanálise** abrigam-se, hoje, as mais diversas correntes. Frequentemente dissonantes, inconciliáveis, seu único traço comum parece ser, às vezes, a simples remissão aos escritos de Freud. Fundador da disciplina, Freud é referência obrigatória. Mas, não haveria, para além da factualidade de seus textos, uma lógica que caracterizasse o discurso do analista enquanto tal? Eis a problemática que mobilizou Jacques Lacan, inspirando-lhe a exigência de um "retorno a Freud" que fizesse obstáculo a este pluralismo inconseqüente.

*"Quando neste instante (...) se observa a maneira pela qual os diversos praticantes da análise pensam, exprimem, concebem, a sua técnica, dizemo-nos que as coisas estão num ponto a que não é exagerado chamar a confusão a mais radical" (Lacan, 1983, p.19)*

Ora, em que consiste este retorno a Freud? Num mero recurso aos originais a fim de exorcizar interpretações ilegítimas, não poderia ser a resposta. De Freud ter inaugurado a via de acesso à "**Idéia da psicanálise**", não decorre

que nele tudo se encontre. Afinal, não ensina a própria psicanálise que a consciência de um discurso jamais é o lugar de sua verdade? E que, a verdade, não se pode senão semi-dizê-la? A controvérsia, aliás testemunha por si mesma que não basta falar em nome de Freud para resgatar o sentido de sua obra. Nem tudo que Freud escreveu é psicanalítico. Impõe-se, portanto, a tarefa de um trabalho de leitura que destaque, nesta massa de escritos, o essencial à psicanálise. Tarefa que não pode ser efetuada como um exercício de fidelidade aos seus textos, tomados, como se diz, ao pé da letra, mas sim ao sentido e à verdade que este discurso veicula. "*O sentido de um retorno a Freud é um retorno ao sentido de Freud*" (Lacan, 1966, p.546). Deste modo tal retorno não é a restauração de uma fidelidade perdida ao autor da disciplina, mas sim de uma fidelidade devida à **Idéia** em transmissão. Por isso esse retorno consiste em exercer sobre seus escritos um trabalho de interpretação de tal ordem que dele resulte a completa revitalização dos "conceitos" lá encontrados, assim como a possibilidade de pensar, com Freud, conceitos até então inauditos. Ninguém foi tão longe quanto Lacan na criação e transformação dos "conceitos" de base do discurso que estabelece a vigência do Inconsciente e da Pulsão de Morte. Conceitos freudianos? Talvez. Genuinamente psicanalíticos? Certamente.

Mas o sucesso desta pretensão não é para todos uma evidência, e a interrogação que ela suscita não deve ser minimizada. Para além dos escritos de Freud, o que poderá e deverá ser considerado psicanalítico? Limitar a psicanálise, enquanto discurso, aos significantes articulados por Freud para escrevê-la, seria tratá-la como saber dogmático, condená-la a uma aderência imaginária a estes significantes, dos quais só se desprenderia ao preço de trair-se a si mesma enquanto Idéia. Seria este apego sinal de efetiva impossibilidade ou sintoma de uma impotência, "bem psicanalizável", quanto a escrever de outro modo o discurso do analista? No primeiro caso estaria o futuro condenado à reprodução mecânica dos escritos de Freud, e, portanto, anulada toda e qualquer possibilidade de jogar com eles o jogo da interpretação, recalcado qualquer desejo de com eles entreter uma relação eficaz de leitura. No segundo... Lacan, que não cedia quanto a seu desejo, demonstrou ser possível uma leitura não especular dos textos de Freud, uma abordagem, ela própria, psicanalítica, guiada pelo princípio segundo o qual só se entende o sentido de uma obra se a ela se aplicam os princípios de análise que ela mesma preconiza (Lacan, 1985), e experimentou "conceitos" e articulações conceituais inusitados que, sem fugir à ortodoxia freudiana, dão à psicanálise uma estatura à medida dos tempos novos.

Esta dissertação que quer mostrar a estrutura do discurso do analista a partir de suas fórmulas, inscreve-se na via deste retorno à Freud tal como foi proposto e praticado, até a morte, pelo psicanalista francês cujos escritos, ainda que pareçam dificultar a compreensão do que seja a psicanálise, efetivamente simplificam-na, uma vez que a psicanálise é aí reduzida a letras: **ÁLGEBRA**. Se for ela capaz de contribuir para o esclarecimento da *Idéia da psicanálise* terá cumprido a tarefa que se propõe.

Justificar a escolha da vereda lacaniana no campo freudiano? Primeiro: em nenhuma outra se encontra tamanha preocupação com as condições do discurso do analista e com a urgência de sua formalização<sup>1</sup>; segundo: a lucidez e a inventividade com que Lacan aborda a psicanálise produziram símbolos, fórmulas e referências que seguramente não são de todo conhecidas e cujo sentido não foi ainda explorado exaustivamente; e finalmente: a linguagem, que sempre se soube vagamente ser essencial à psicanálise, ele a pôs em seu devido lugar, ligando-a à subversão do sujeito e transformando-a na pedra angular do discurso do analista e conseqüentemente desta dissertação.

*"Nós afirmamos que a técnica da psicanálise não pode ser compreendida, nem corretamente*

---

<sup>1</sup>- "A formalização matemática é nosso alvo, nosso ideal. Por quê? Porque só ela é materna, quer dizer, capaz de se transmitir integralmente" (Lacan, 1975.).

aplicada, desconhecendo-se os conceitos que a fundam. Nossa tarefa será demonstrar só assumem seu pleno sentido, ao se orientar num campo de linguagem, ao se orientar pela função da fala". (Lacan, 1953, p.246)

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

No limiar deste trabalho dificuldades preliminares que poderiam prejudicar sua compreensão devem ser resolvidas.

A obra psicanalítica de Lacan que vai precisamente de 1953 à 1981<sup>2</sup>, na qualidade de verdadeira "obra em progresso", não conheceu transformações constantes e remanejamentos profundos de suas noções? Sem dúvida, mas seu axioma fundamental permanece: a função essencial da fala e da linguagem. Há razões portanto para que, metodologicamente, a história, a gênese temporal e os desdobramentos diacrônicos dos conceitos do psicanalista sejam negligenciados, e que deles se retenha apenas o que seja pertinente à exposição da **Idéia da psicanálise**.

A expressão "**Idéia da psicanálise**" é emprestada de Alain Badiou<sup>3</sup>. Não se trata, como se verá, de confundir a Outra cena freudiana com o topos

<sup>2</sup> "Em 1953, por ocasião da primeira cisão do movimento psicanalítico francês, Lacan introduz a proposição "o inconsciente estruturado como uma linguagem" e a distinção do real, imaginário e o simbólico, que seguirá sendo a pedra de toque de seu ensino, o qual não mudará através de todas as suas variações" (Miller, 1987, p.15)

<sup>3</sup> "Pois como pode advir ao saber uma verdade da qual todo ser próprio, ou relação de ser, é de não se saber? Esta determinação de um saber de uma verdade do não sabido não supõe ela que sendo a fórmula "Isso pensa" se diga finalmente que o ser pensa, o que Lacan dispensa como a tora das hipóteses inaugurais da filosofia? Contra Platão, Lacan sustenta que a abordagem, ou redação, do ser não é redutível a Idéia como saber que preenche o ser, ou

uranos de Platão, pois, se se entende por metafísica uma semântica da verdade implicando a coincidência entre verdade e saber, a impossibilidade de toda metafísica, passada, presente ou futura, é justamente a consequência de sua adoção. A Idéia da psicanálise é a articulação de seus matemas, lógica do significante, princípio do discurso do analista. Trata-se do invariante genuinamente psicanalítico: a ***inexistência da relação sexual***, ou seja, a impossível harmonia entre o homem e a mulher, o universal e o particular, o Um e Outro. Completude, plenitude e satisfação, só sob signo da não-toda. A Idéia da psicanálise, como a banda de Moebius, possui dois aspectos, irreduzíveis um ao outro, mas impossíveis um sem o outro. De um ao outro vai-se sem cortes, como que por deformação: inconsciente e pulsão de morte.

Por fim a opção preferencial pela via lacaniana talvez provoque certa reserva ou desconfiança, sendo vista como um empobrecimento do "saber psicanalítico". Visando escapar ao dogmatismo, mas negligenciando outras interpretações, não estaria ela, ao contrário, nele mergulhando inconscientemente? Não teria sido mais fiel ao direito e aos fatos considerar que há várias maneiras de pensar o inconsciente, e, por conseguinte, a

---

saber do ser imanente ao ser. Mas exceção de uma relação não sabida, se pelo viés da psicanálise ela se dá em verdade, não reconduz ela ao preenchimento do saber e enão à Idéia? Há, seria a fórmula mais aguda da questão, Idéias da Psicanálise? É a meu ver na luz, ou na sombra desta questão, que Lacan, como Platão, convoca as matemáticas. As matemáticas são desde sempre o "tenant-lieu" da Idéia como Idéia, Idéia como idéia a qual Lacan dá o nome de Matema (Badiou, 1991, p.29).



psicanálise? E todas igualmente capazes de ricas contribuições a uma exposição como esta? Ora, tentando congrega o que se escreve a este respeito e evitando julgar o que é ou não é psicanalítico, a Idéia aqui exposta converter-se-ia num mosaico, numa coleção metonímica de informações, "numa desordem de identificações imaginárias"

Não há leituras possíveis da psicanálise, isto é, leituras que obedeçam a princípios contraditórios. O que se reivindica como sendo a psicanálise é o que este discurso trouxe de novo e ao mesmo tempo de insuportável: a impossibilidade sexual de harmonia. O que poderia ser a psicanálise senão o que ela é: o único discurso que escutou a impossibilidade lógica lá onde sempre se ouviu a impotência empírica? A verdade implicada no discurso dos que sofrem, não é este o único mal de que trata o psicanalista? Há uma só leitura psicanalítica da psicanálise, aquela que põe a nu a castração, a perda irreparável que constitui o sujeito como divisão, separação de seu objeto. Eis o insuportável, mas também o genuinamente psicanalítico: a subversão do sujeito definido como divisão e dejetivo. A direção da cura é ditada por esta cisão ineliminável, e, não assumi-la, é passar para outro discurso que não o do analista (discurso do Mestre, Universitário ou da Histórica).

*" Esta escrita é parte de um lembrete inicial, de que o discurso analítico é esse modo novo de relação,*

*fundado apenas pelo que funciona como fala, e isto, em algo que podemos definir como um campo. Função e campo, eu escrevi, da fala e da linguagem, e terminei, em psicanálise, o que era designar o que constituía a originalidade desse discurso que não é homogêneo a um certo número de outros que oficialam e que, só por este fato, distinguimos como discursos oficiais. Trata-se de distinguir qual é o ofício do discurso analítico, e de torná-lo, se não oficial, pelo menos oficiante" (Lacan, 1975, p.30).*

Mais uma vez: a exposição sistemática da Idéia da psicanálise é a exploração desta divisão balizada pelas fórmulas: "**o inconsciente é estruturado como uma linguagem**" e "**não há relação sexual**". Dogmatismo? Não. Rigor na dedução. Fidelidade à lógica que impõe o discurso do analista. Pode-se duvidar que seja possível exaurir todas as questões da clínica psicanalítica a partir desta hipótese, mas não é seguramente a visão conciliatória, a unidade ecumênica, que contribuirá para a causa freudiana. Nem todas as leituras que se fizeram dos escritos de Freud são psicanalíticas, porque a psicanálise não é apenas um texto, mas um texto que, quando lido à distância do que o causa, ou seja, do que nele "não cessa de não se escrever", não passa de uma antropologia sem rigor ou de uma zoologia fantástica. A facilidade com que uma nova Idéia se perde é proverbial na história da cultura. Por que seria diferente com a psicanálise, que trata,

justamente, o mal-estar na cultura como essencial? A consequência do pluralismo quanto aos princípios é simplesmente manter na sombra a castração, e produzir uma confusão de tal ordem que torna impossível qualquer "direção da cura".

**"O inconsciente é estruturado como uma linguagem"** e **"não há relação sexual"**. Eis princípios autorizados não apenas pelos escritos de Freud, mas também pela clínica psicanalítica. Os primeiros passos de Freud foram dados nos descaminhos da fala: os sonhos, enquanto relatos, narrativas, fatos de linguagem foram logo vistos como a *"via régia para o inconsciente"* (Freud, 1972). Também os lapsos, atos falhos, ditos espirituosos são temas de seus trabalhos iniciais. E os sintomas, para os quais Freud busca uma explicação racional, na medida em que carecem de uma causalidade orgânica, foram desde cedo elucidados pela consideração daquilo que no humano é efeito do saber, ou, como escreve Lacan, afligido pelo significante (1975, p.18). A linguagem, eis o que os reúne, na medida em que fala é falha. Não se fala sem falha, não se falha sem fala.

## Do método

Apesar de terem sido seguramente dados na introdução e nas considerações preliminares deste trabalho todos os esclarecimentos metodológicos necessários à sua compreensão, reexpõem-se aqui, em consideração aos leitores menos atentos, os procedimentos adotados:

1- Tratar psicanaliticamente os escritos psicanalíticos, ou seja, a luz do objeto *a* ( a verdadeira via do retorno a Freud tal como Lacan a define ).

Atrás do que de fato é psicanalítico, Lacan assumiu em sua leitura de Freud os princípios preconizados pelo próprio fundador da psicanálise, e esta dissertação ensaia o mesmo com Lacan, seguindo, é claro, sua orientação. (O sujeito suposto saber é Lacan, aquele a quem se dirige a transferência.) só que apenas mostrando o corpo do que se transmite integralmente de seu ensino: os matemas.

2- Desaparecem, por conseguinte, os remanejamentos teóricos realizados pelo próprio Lacan ao longo de seu percurso, e evidenciam-se os axiomas de base ("**o inconsciente é estruturado como uma linguagem**" e "**não há relação sexual**") e seus desdobramentos.

3- Exposição dedicada ao elementar em psicanálise, negligenciam-se os comentadores. Os que se fazem presentes (Zizek, Miller, André, Silvestre) serão citados por razões menos teóricas do que literárias: textos que formulam com felicidade idéias obviamente lacanianas.

4- o campo matemático "preenche" uma verdadeira lacuna na psicanálise pré-lacanianana. Lacan não substituiu conceitos. Como fazê-lo, se sem concorrentes? Pôs conceitos lá onde o vazio teórico era escamoteado por

um carnaval terminológico que instituiu "o que não é exagerado chamar a confusão a mais radical". Que se pense, por exemplo, na clareza e na precisão que o \$ introduziu na psicanálise, descartando todo um vocabulário hesitante entre termos como indivíduo, personalidade, subjetividade, cliente, paciente, pessoa, e outros mais. Não se trata portanto de um campo controvertido, mas do único a partir do qual controvérsias efetivamente fecundas podem vir a se estabelecer. Razão do tratamento monográfico deste trabalho, o problema não tendo sido evidenciado senão por Lacan.

5- óbvio: a coerência do matemático não é a mesma que se pode exigir do matemático. Os matemas formalizam um campo ético e não ôntico, campo cuja verdade se insinua, justamente, nas falhas do discurso proposicional. A lógica da coisa freudiana escapa à lógica do objeto científico.

A leitura da obra de Freud sempre decepcionou aqueles que a encaravam como obra científica. Lacan pôs as coisas em seu devido lugar: não perguntar pela cientificidade da psicanálise, mas pelo que pode ser a ciência dado que a psicanálise existe. Proposições sobre o objeto a ? Impossível. Simplesmente porque é devido à inconsistência e a incompletude das proposições que "*le réel revient toujours à sa place*".

Os matemas se articulam numa álgebra própria que não pode ser desvinculada da transferência e do desejo do analista, uma vez que só através deles ela encontra seu rigor. Daí decorrendo, inclusive, a dificuldade de uma dissertação psicanalítica no seio da universidade: ou, transformar o texto para torná-lo familiar às categorias universitárias, dando uma visão aceitável, porém distorcida, da psicanálise; ou ser fiel à Idéia da psicanálise, sem reduzi-la a

outros discursos, expondo-a em sua estranheza e segundo suas próprias exigências. Optar-se-á pela segunda via assumindo-a conscientemente, apesar de seus riscos e dificuldades e da competência ainda (espero) insuficiente do autor.

O estatuto da demonstração psicanalítica ainda está por estabelecer-se. Sabe-se bem mais em que ela não consiste do que em que consiste efetivamente. Mas pelo menos se sabe perfeitamente que o pensamento defronta-se com adversários bem mais temíveis do que o erro (Descartes), a ilusão (Kant): a tolice, as verdades menores, sem importância, a pura e simples estupidez.

## A constituição sexual não-toda: A

### DEFINIÇÃO DA PSICANÁLISE

A psicanálise é uma prática clínica que se exerce adstrita às condições do ser falante; sujeita, portanto, à estrutura do significante. O "pathos" tratado pelo psicanalista inscreve-se numa rede de lugares não localizável, como indica Freud nos primeiros esboços da psicanálise, na anatomia que orienta a medicina<sup>4</sup>. Entretanto, ao elaborá-la, constrói um aparelho fictício que, trabalhado à maneira de uma anatomia psíquica, corre o risco de fazer perder de vista o sentido desta clínica não médica que é a clínica psicanalítica. A dimensão da linguagem é a única capaz de assentar esta clínica: se não se trata de cura em psicanálise no mesmo sentido em que dela se trata em medicina, onde curar é suprimir o sintoma e devolver ao corpo, ou melhor, ao organismo, o seu equilíbrio, é porque a linguagem, menos do que condição de acesso a paixões inconfessáveis que se travestiriam de maneira irreconhecível em formações do inconsciente que o trabalho interpretativo se obstinaria em revelar, é a dimensão constitutiva da clínica de um sujeito que não passa de efeito de significante. Constitutivo significa condição necessária e suficiente. E para cuidar desta condição sem se perder

---

<sup>4</sup>Desprezarei inteiramente o fato de que o mecanismo mental em que estamos aqui interessados é-nos também conhecido sob a forma de preparação anatômica e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar a localização psíquica por qualquer modo anatómico. (Freud, 1972, p.572)

numa anatomia outra que, não sendo física, seria metafísica, é que a psicanálise se valeu da noção de estrutura. Explicitar a fecundidade da fórmula *estrutura do significante*, sua capacidade de traduzir a **Idéia da psicanálise**, conferindo-lhe seus limites, e mostrar que, por isso mesmo, só dela decorrem um sujeito e um objeto, essenciais à clínica freudiana, é explorar tanto quanto possível o adágio: "*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*" (Lacan, 1973). Fazê-lo consistirá, pois, na dedução do que disso se segue, ou seja, topar no fim da linha com a impossibilidade expressa no axioma: "*não há relação sexual*" (Lacan, 1971).

Como conceber uma estrutura que se revele adequada a pensar a experiência psicanalítica, quando esta implica, necessariamente, um sujeito que tudo indica estar em franca oposição a toda inteligência que se queira estrutural<sup>5</sup>?

### **SOBRE A NOÇÃO DE ESTRUTURA**

O conceito de estrutura determina que apenas as relações definam os termos. Diz-se de um conjunto que é estruturado quando seus termos, jamais positivos, só se definem uns pelos outros. Sendo essenciais as relações e não os termos, estes jamais conservam seus valores quando mudam de lugar,

<sup>5</sup>- " Não pode então se tratar, sob estas novas cores, de reintroduzir subrepticamente o sujeito. Não experimentaríamos nenhuma espécie de indulgência com esta impostura que substituiria a mão esquerda pela direita, para devolver por baixo da mesa a pior filosofia o que afirmou ter-lhe retirado por cima, e que substituído o eu pelo outro e deslizando uma metafísica do desejo sob uma lógica do conceito, retratava desta seu fundamento" ( Lévi-Strauss, 1971, p.563).



ganhando ou perdendo os valores de que são afetados em função das posições que eventualmente ocupem (Lévi-Strauss, 1985). Esta característica, apesar de necessária, não é suficiente para que dela se extraiam um sujeito e um objeto. Apreendida instantaneamente, tal como poderiam sê-lo elementos idênticos a si mesmos, a estrutura permaneceria totalizável: a finitude de seus termos e as compensações recíprocas que se proporcionariam fariam impossível a hiância indispensável à constituição de um sujeito e à produção de um objeto. Se estrutura e totalidade se assimilam, sujeito e objeto não tem mais lugar.

A condição *sine qua non* para que o conceito de estrutura transforme-se em matema e penetre o campo freudiano é sua dissociação radical da noção de totalidade. Ora, se o que determina o envolvimento do conceito de totalidade no de estrutura é o caráter de co-presença dos elementos diferenciais, negativos, que a constituem quando pensada à maneira clássica, a transformação a ser operada para torná-lo adequado ao campo freudiano não pode ser senão a eliminação deste traço e sua substituição por uma diacrítica nova que se faça entre elementos presentes e elementos ausentes. No primeiro caso a totalidade surge porque os elementos são co-presentes, complementares, isto é, simétricos; no segundo, desaparece:

os elementos, há mais que um, uma vez que estrutura exige alteridade, mas há menos que dois (condição para que o um não se refaça), o outro sendo o suplemento de uma ausência, e não seu complemento compensatório. Se o outro falta, fecha-se para a reciprocidade a porta que se abre para assimetria: a estrutura já comporta sujeito e objeto. A sincronia presença / ausência, ou melhor, presença de uma ausência -  $\varphi$  / ausência de uma presença  $S(A)$  atravessa a estrutura como a dimensão do tempo. (O "não-toda" abre o tempo da estrutura). Donde a feliz expressão *ação da estrutura* (Miller, 1987a), para escândalo dos estruturalistas clássicos. Da comunhão paradoxal entre necessidade (implicação de um outro) e impossibilidade (ausência essencial) resultam, como efeito, um sujeito dividido,  $\$$ , e, como produto, um objeto  $a$  causa de desejo.

### **O NÃO-TODA E A TRANSMISSÃO**

A Idéia da psicanálise é o matema da estrutura não-toda do significante, estrutura esta que supõe uma lógica paradoxal, a da castração: não há o matema de todos os matemas, não há O matema da psicanálise, cada matema um a um, transmitindo, entretanto, à sua maneira, a Idéia em questão. Mas só o grande A-barrado escreve o limite de sua formalização. O A assinala o que, da psicanálise, "não cessa de não se escrever", sua

característica fundamental: a radical alteridade, a negatividade pura, a morte. O  $\bar{A}$  formaliza esta não coincidência da linguagem consigo mesma, sua **constituição sexual não-toda**, que a impede de representar o Outro para o qual aponta. Eis o "desequilíbrio" essencial, o *pas-toute*.

Mas por que a impossibilidade de escrever a Idéia toda da psicanálise não impede também que se diga que o matema é o responsável por sua transmissão integral? Não parece, à primeira vista, um contra-senso? Certamente, se o discurso do analista visasse o bom senso. Sua função é, no entanto, equivocante. Transmite-se então integralmente a não-toda, numa transmissão integral do puro impasse, pois a álgebra, esvaziando o discurso de todo conteúdo, de todo significado, dá fim às aderências imaginárias, efeitos necessários de significante que mascaram a falha sexual essencial, constitutiva do registro simbólico no qual opera a psicanálise.

### O SIMBÓLICO EM PSICANÁLISE

O registro simbólico, psicanaliticamente concebido, não visa qualquer homeostase, mas fornece as bases de uma ética do desejo para além do princípio do prazer (Lacan, 1986). Pulsão de morte: eis de que o não-toda da estrutura [ $\bar{A}$ ] é a formalização. Conseqüentemente... Pensada sob as espécies da força ela oscilaria entre uma mística e uma física, ambas

tanatológicas. Um vitalismo às avessas ou um reducionismo impertinente, que tomariam incompreensível a dimensão (*dit-mension*) na qual opera a clínica. Nem filosófica, nem médica, a pulsão de morte é matema do discurso do analista, conferindo especificidade à problemática paradoxal que o envolve numa exigência insuprimível que não pode ser senão atendida, e que, no entanto, não se pode atender. Exigência ética. Orientar-se é preciso, mas toda orientação é imprecisa. Não-toda: não se trata de orientar-se segundo a vida, mas de (des)orientar-se a partir da morte. Um animal desgovernado, incapaz de aprender as contingências de seu meio ambiente, é um animal morto. As condições da vida são inflexíveis, implacáveis, impiedosas. O saber produzido no âmbito da individualidade biológica ou é todo ou não é. A vida nada sabe do significante; o saber, nela, não se estrutura como uma linguagem. As exigências feitas ao indivíduo coincidem com suas próprias condições orgânicas. Ou ele é capaz, ou desaparece. No que diz respeito às condições do falante, elas não coincidem com as condições da linguagem, e esta não coincidência, ela própria, é sua paradoxal condição (castração). O efeito disto é um sujeito dividido, nem certo nem errado, e ao mesmo tempo certo e errado, uma vez que está sempre certo ao nível da pulsão, e ao nível do desejo, sempre errado. O não-toda da estrutura do significante é a formulação do plano em que se desdobra uma psicanálise, plano do qual se deduz esta

exigência paradoxal (*todestrieb*) que faz do sujeito um acusado, porque necessariamente em falta para com ela. E a esta falha chama-se desejo. Por isso mesmo "*Não há clínica sem ética*" (Lacan, 1986). Mas não uma ética do princípio do prazer, que poderia ser dito princípio do saber, do saber viver, do saber evitar o "mal-estar na cultura", mas uma ética do desejo que põe em cena o mais além do princípio do saber, a pulsão de morte concebida como repetição da ignorância necessariamente implicada num sujeito que é feito e efeito de saber. O que fala carece de ser, e esta falta-a-ser "*não cessa de se escrever*" (Lacan, 1975). Sem saber o que falta (pulsão), mas sabendo da falta (desejo), o sujeito é necessariamente uma resposta, da qual, embora não sendo a causa, deve assumir-se como tal. Lá onde o Real responde ("*Wo Es war*") deve o sujeito falar ("*soll Ich werden*"). O que se transmite integralmente não é, portanto, um saber específico, capaz de dissolver o sintoma e garantir uma vida equilibrada, tranqüila e segura até o sepulcro, mas a própria cisão, a própria ausência deste saber. O percurso de uma psicanálise não se faz do desequilíbrio ao equilíbrio; ele consiste na modificação da posição do sujeito em relação a sua condição inelutável. Lá onde havia uma impotência, topa-se agora com uma impossibilidade, e que não deve ser ultrapassada, mas

assumida: a travessia de  $\$ \leftrightarrow a$  (Ou seja: a passagem de um sujeito que se sabe em falta, a uma ausência irreparável, a um nada).

*É para além da função do  $a$  que a curva se fecha, lá onde ela jamais é dita, concernente à saída da análise. A saber, depois da distinção do sujeito em relação ao  $a$ , a experiência da fantasia fundamental se torna a pulsão. O que se torna então aquele que passou pela experiência dessa relação, opaca na origem, à pulsão? Como um sujeito que atravessou a fantasia radical pode viver a pulsão? Isto é o mais-além da análise, e jamais foi abordado. Isto só é, até o presente, abordável, no nível do analista, na medida em que seria exigido dele ter precisamente atravessado em sua totalidade o ciclo da experiência analítica. (Lacan, 1973, p.258)*

Cabe, portanto, examinar com mais detalhes esta condição do falante e por isso mesmo, da própria dimensão na qual "opera" a psicanálise que se chama: "alíngua". (Lacan, 1975)

## **A função significante e a demanda de saber: $S_1-S_2$**

Como abordar a problemática da linguagem em psicanálise? Das fórmulas de alta precisão que caracterizam o ensino de Jacques Lacan, uma designa a marca própria à psicanálise, e põe a nu o ponto de Arquimedes com apoio no qual ele reativou o essencial da descoberta freudiana: "o inconsciente é estruturado como uma linguagem". Ao escrever esta fórmula, vincula ele o inconsciente, o novo "conceito" que caracteriza a psicanálise, a uma linguagem que, por hipótese, já seria conhecida dos lingüistas, ou, ao contrário, impõe que se transforme o próprio conceito de linguagem para que ela possa ter como efeito de seu corte um sujeito, isto é, o inconsciente?

### **O SIGNIFICANTE PARA PSICANÁLISE**

Para conceber a linguagem psicanaliticamente forja-se uma noção: a de **significante**. Homônimo de um dos componentes do signo lingüístico, o *significante da psicanálise* pode induzir a tentação de reduzir o alcance daquele em função deste. Ou seja, reduzir à familiaridade do signo a estranheza do significante. O significante não é o signo amputado de seu significado. O significante representa um sujeito, enquanto que, o signo não é

pensável sem o significado e, por isso mesmo, elide a função sujeito. Mesmo que haja um ponto de tangência nas concepções de Saussure e de Lacan, sua diferença é relevante. Ambos consideram que na língua tudo é diferença, sem termos positivos (Saussure, 1988). Porém o primeiro a estuda desconsiderando o desejo sexual nela presente, enquanto que o segundo irá, justamente, cruzar com a formulação estrutural da língua, a descoberta freudiana, o gozo. Sem reduzir esta àquela, o psicanalista elabora uma outra língua; e, para distingui-la do objeto de estudo da disciplina dos lingüistas, nomeia-a *alíngua* (Lacan, 1975), e a seu domínio, a clínica psicanalítica, resultante deste cruzamento, *linguisteria* (Ibid). As conseqüências serão expostas, como a seguir se verá.

### **PARA A LINGÜÍSTICA...**

Saussure, no que concerne ao significante, também o considera em si mesmo um elemento diferencial. Só há significante opondo-se a outros. Sua existência não é substancial, isto é, em si e por si, mas se reduz a esta oposição mesma, o que quer dizer que o significante não possui consistência própria, nem propriedades intrínsecas, imanentes, podendo ser descrito apenas em relação aos outros. Poder-se-ia dizer que o significante é "em si" alteridade, elemento diferencial: princípio diacrítico do significante.



Saussure afirma que tanto a série dos significantes quanto a série dos significados, é feita de diferenças: "Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo" (Saussure, 1988, p.140). Trata-se do signo lingüístico. Entretanto, a condição para que haja esta unidade positiva é a identidade entre totalidade e estrutura.

### **A DIFERENÇA SEXUAL NA LÍNGUA**

Ocorre que, se o único operador que se tem é a diferença, característico da estrutura, a totalidade não se realiza (Miller, 1988). Não realizando a totalidade em ambas as séries, a dos significantes e a dos significados, não há coincidência, isto é, signo. Basta que falte um significante para que seja perdido o significado. Em psicanálise, o signo representa a tentativa de sutura desta perda imposta pelo significante, a castração. Ora a língua, sendo diferença, jamais se totaliza. Daí decorre a distinção que o psicanalista estabelece entre signo e significante. O primeiro é definido como representando algo para alguém (Lacan, 1973), o segundo como representando "um sujeito para outro significante" (op.cit.). Observe-se: o signo, entendendo-se representar como traduzir, representa algo e não um sujeito, algo que é um significado para alguém, emissor ou receptor. Indistinto do que

representa, o signo torna possível comunicar. Jakobson resume numa fórmula tudo o que a psicanálise abandona, a lingüística e seus fatores fundamentais da comunicação: "qualquer ato de fala envolve uma mensagem e quatro elementos que lhe são conexos: o emissor, o receptor, o tema da mensagem e o código utilizado" (1975, p.19). Como pode perceber-se, os elementos são inteiramente distintos uns dos outros. Entretanto, tal como o psicanalista o aborda, o significante não se confunde com aquilo que representa, ainda que o represente, porque não opera como *vorstellung*, duplo semelhante a, mas como lugar-tenente, *vorstellung-representant*, representante da representação...

" o significante, diferentemente do signo, é o que representa um sujeito para outro significante. Como nada diz que o outro significante saiba o que quer que seja do que está em questão, é claro que não se trata de representação, mas de representante" (Lacan, 1991, p.31)

### **SOBRE A ESTRANHA DEFINIÇÃO DE SIGNIFICANTE**

Logo, deve ser considerada esta estrutura e sobretudo esta fórmula: "o significante é o que representa um sujeito para outro significante" (ibid). Fórmula bizarra, na qual o definido surge na definição. Círculo vicioso? Tautologia? Não. O aparente vício lógico na "definição" do significante, só faz

mostrar que o valor de um significante se dá sempre por outro significante. A definição não é analítica, uma vez que os termos não são equivalentes. Para que o fossem seria preciso que pudessem ocupar o mesmo lugar, o que é impossível; não há lugar total, não há lugar que possa reuni-los a todos, já que levando às últimas conseqüências o princípio diacrítico dos significantes, não há possibilidade de afirmar a totalidade deles, isto é, de significá-los. O efeito de significado apenas mascara esta falha essencial, constitutiva do significante. Quando se diz que um significante se define por outro, este outro não é mais um. Este outro o é enquanto Outro, não havendo coincidência entre os significantes. Não há "Outro do Outro" (Lacan, 1960, p.813)<sup>6</sup>. **Um significante jamais se reduz a um único significante, mas também nunca chega a dois.** Donde a performatividade retroativa do significante, que tem como efeito um significado que oblitera esta cisão, mas que, por sua vez, a restaura. Quando se diz, por exemplo, \_\_Vá! Trata-se de uma injunção cega e insensata (esta função se formaliza em álgebra por  $S_1$ .) Só se sabe onde ir ao acrescentar um outro significante que, retroativamente, confere significado ao comando. Contudo só é possível compreender a função do significante dando-se conta de que o outro jamais o completa. Por exemplo: Vá... ao cinema. Forma-se

<sup>6</sup> "Parlons de la conception de l'Autre comme lieu du signifiant. Tout énoncé d'autorité n'y a d'autre garantie que son énonciation même, car il est vain qu'il le cherche dans un autre signifiant, lequel d'aucune façon ne saurait apparaître hors de ce lieu. Ce que nous formulons à dire qu'il n'y a pas de métalangage qui puisse être parlé, plus aphoristiquement: qu'il n'y a pas d'Autre de l'Autre. C'est en imposteur que se présente pour y suppléer, le Législateur [ celui qui prétend ériger la loi]" (Lacan, 1966d)

então um novo  $S_1$ : *Vá ao cinema*. O Outro significante resta intacto. Não se sabe como, ou com quem ir ao cinema, nem mesmo a que cinema ir, e assim até o infinito. Trata-se de um exemplo simples que serve para ilustrar a função paradoxal do significante. Seja um outro exemplo: à questão: *\_\_ Quem sou?*, como respondê-la? A rigor, isso, só no fim da vida seria possível fazê-lo. Mas o fim da vida é a morte e não há como, depois de morto, rever toda a vida vivida e descobrir através de suas variações a lei que constituiria a regularidade capaz de conferir identidade ao sujeito. Entretanto, uma vez posta a questão, não há como furtar-se à resposta. Poder-se-ia dizer que esta questão é o  $S_1$  para o qual os significantes que se candidatam a respondê-la representam o sujeito. O sujeito é um efeito da questão que o constitui, e esta é uma articulação de significantes (desejo). Se o significante último é a morte, retroação impossível, então tal resposta terá sido sempre parcial, porque significante. Pode-se portanto reduzir à nova diacrítica da psicanálise o par Vida-Morte. A morte segue sendo este significante paradoxal, o significante que falta para que os outros ganhem consistência. Um não é sem o outro, mas o Outro é ausente. Sendo realmente ausente, dele não há um outro, ainda. Entre Um e Outro há efeito, isto é, sujeito, que é esta falha mesma do

significante ao representar-se. Este fracasso do significante constitui seu efeito como falta-a-ser. (a questão do \$: vide próximo capítulo).

### O SIGNIFICANTE E O TEMPO

Daí decorre toda a elaboração da questão do tempo em psicanálise: duração da sessão, tanto quanto duração do tratamento. Qual o momento adequado de terminá-los? Haveria um *Kairós* em psicanálise? Impõe-se a necessidade do corte. Caberia ao psicanalista evitar este constrangimento e conhecer o momento oportuno, preciso, do fim? A psicanálise se estrutura como uma linguagem e a linguagem é não-toda porque ela dá a saber a morte. Se, ao significante que representa o sujeito, necessariamente falta aquele que o completaria, revelando-lhe o significado de sua vida, e se o sintoma, isto é, a queixa que leva à busca de uma análise, deve-se a essa inadequação estrutural, o corte inesperado da sessão, sem hora marcada, visa, apenas fazer advir o sujeito, confrontando-o com sua condição. Sujeito à linguagem, o inacabamento lhe é constitutivo. E se for preciso esperar a morte para sabê-lo, de que lhe valeria uma análise? Eis a necessidade de um tempo lógico que antecipe o inantecipável. Crueldade? Não. Ética. Da psicanálise. Pois, nada pior para aquele que é constitutivamente inadequado do que considerar que o seu erro é estar em falta para com um

ideal de equilíbrio, que dizendo respeito ao jurídico e não ao físico, resume-se numa norma.

*"Quando se sabe que não é a partir de um ter que o homem a possui, mas a partir de seu ser ou, "sem metáfora", que imaginário é o rodeio da determinação de uma estrutura que implica um sujeito, é necessário considerar uma política da felicidade, **id est** do ajuste, como o meio mais seguro de reforçar a inadequação do sujeito a estrutura". (Miller, 1987a, p.15)*

O tempo lógico, como estratégia de corte da sessão, não é uma mera questão de técnica, mas ato ético, de "acordo" com a Idéia não-toda da psicanálise, que lida com um sujeito cujo sintoma deve-se a sua própria condição, a castração ou, dito de outra maneira, a sua falta-a-ser.

#### **DEVIDO AO SIGNIFICANTE DISPENSA-SE A ONTOLOGIA**

O discurso sobre o ser é reservado à filosofia. O que constitui os discursos para a psicanálise é a estrutura do significante. *"Que seja da natureza do significante a suposição de um além, ou de um aquém, não resta a menor dúvida (Lacan, 1975, p.44). Ao contrário, trair esta suposição pela certeza do que ela supõe é abandonar o discurso do analista. "Nada mais incerto, mais duvidoso do que a existência do que quer que seja, para além do significante" (op.cit; p.32).*

Aristóteles, por exemplo, como ensina Pierre Aubenque, foi o primeiro a romper a ligação entre a linguagem e aquilo que ela significa e "a elaborar uma teoria da significação, isto é, ao mesmo tempo da separação e da relação entre a linguagem como signo e o ser como significado" (1983, p.100/1). Ao projeto de restauração do que foi separado chamou-se ontologia. A ontologia é o que valoriza a função da cópula no discurso e todo esforço de Aristóteles não é senão significar o ser. Isto é, traduzir o para além da linguagem, na linguagem, tomando como dado a presença do ser. "Toda a dimensão do ser é um efeito do discurso filosófico, do discurso do mestre. Não há realidade pré-discursiva à qual o discurso viria adaptar-se. Cada realidade se funda e se define por um discurso" (Lacan, 1975, p.33). Mas, para evitar que se faça uma redução confortável ao significante, será preciso lembrar que ele não é lingüístico. A redução ao *significante* se dá pela adoção de suas conseqüências na medida em que este produz algo de irredutível a ele, produto paradoxal, expresso na fórmula: "não há relação sexual" (Lacan, 1971), isto é, cópula na proposição.

### **A IMPOSSIBILIDADE DE HARMONIA**

"Não há relação sexual" (op.cit.): só há significante, cuja existência não é positiva, mas se dá em relação a outro. Não há o outro ao qual ele

remete. Há uma assimetria constitutiva do campo dos significantes. Não há o significante representado. Falta o outro significante. Na fórmula do significante, não há um e outro significante. Houvesse o Outro, e estariam instaladas as condições de relação sexual, e eliminada a necessidade de pensá-lo. Só há Um ["*Il'y a de l'Un*"] (Lacan, 1975)] e é essencial ao significante que haja Outro. Efetivamente Outro não há. O significante impede por sua própria constituição, por sua própria lei, uma cópula legítima da proposição. "Não há relação sexual" (op.cit.) porque um significante nunca é positivo, mas relativo a Outro que não comparece jamais. Donde a assimetria constitutiva da cadeia de significantes da qual resulta seu poder de equivocação.

### **A EQUIVOCACÃO NECESSÁRIA**

Para Aristóteles "*não significar uma coisa una é nada significar*" (Aubenque, 1983). O psicanalista pensa de outro modo. Esta falha que parece ser apenas o defeito da linguagem é de fato sua virtude. "*É a título de lapso que aquilo significa alguma coisa, quer dizer, que aquilo pode ser lido de uma infinidade de maneiras*" (Lacan, 1975). Se não há comunicação é porque este efeito de significante não é redundante. Um significante significa nada e, por isso mesmo, tudo significa e "...ao que se enuncia de significante, dá-se sempre uma outra leitura que não o que ele significa" (op.cit.). Leitura que só é possível



devido a equívocidade do significante. Ao discurso do analista cabe, justamente, explorar esta propriedade para fazer advir o sujeito, efeito do significante, nos dizeres não ditos naquilo que se diz: "Que se diga... resta esquecido de trás do que se diz no que se ouve" (Lacan, 1973). Uma função de corte é então exigida do analista, que evite a proliferação indefinida do sentido. Corte necessariamente inadequado, tal como foi afirmado mais acima, porque produz um significante a mais que põe a castração em perspectiva. O significante que se furta não é um significante específico. Não se trata do que poderia-ser-dito-e-não-foi, mas do que não se poderia deixar de dizer, sendo entretanto impossível de ser dito, pois a estrutura do significante carrega **este um-a-mais, que não chega a dois**.

#### **MATEMAS: S<sub>1</sub>-S<sub>2</sub>**

Para formalizar a estrutura do significante na álgebra da psicanálise usam-se dois S diferenciados por um índice, para indicar sua assimetria constitutiva: S<sub>1</sub>-S<sub>2</sub>. O valor das letras está em reduzir as ressonâncias imaginárias que certamente resultariam do uso de um significante, em vez de um matema, para escrever esta função (op.cit.). Mas, que se tome cuidado com estas duas letras, pois o que se **vê** pode induzir a erro. Não há dois significantes. O que está implicado no princípio diacrítico é que deve haver mais de um, uma vez que

só a diferença é significativa. Este é a diferença mesma, e não aquilo que difere. Mas não são dois. "Há Um" ou Outro, jamais co-presença, captura de um pelo outro.

Ora, se o significante jamais se representa, que representa ele então?

Quais os efeitos desta não-reflexividade do significante?

*"O sujeito não é outra coisa que ele tenha ou não consciência de que significante ele é efeito. Este efeito, o sujeito, é o intermediário entre o que caracteriza um significante e outro significante, isto é, ser cada qual um elemento" (Lacan, 1975).*

Mas que significa esta subversão do sujeito pela psicanálise? É o que em seguida buscar-se-á desdobrar.

## **A paradoxal condição do castrado: §**

A idéia de infinito, subvertendo a ordem medieval de pensamento (Koyré, 1973), torna necessário fundar de outra maneira o conhecimento. Descartes encontra na certeza do sujeito o ponto arquimediano a partir do qual reerguer o edifício da ciência. Certeza da existência do sujeito como condição do pensar. O sujeito cartesiano (cogito) é este ponto inabalado pela dúvida, inabalável pela dúvida, que se furta à dúvida, impossível de duvidar. De outra maneira como poderia fundar o conhecimento? A filosofia busca um princípio radical de fundação do discurso. E Descartes supõe eliminar os pressupostos, tanto objetivos quanto subjetivos (Deleuze, 1968), encontrando uma certeza não subjetiva e conhecendo clara e distintamente um princípio radical, a existência do Eu puro, simples, porque certo, imediato e indistinto do ato de pensar (Gueroult, 1968). Se Descartes busca esta certeza, é porque supõe a possibilidade de uma coincidência entre o ser e o pensar, a verdade e o saber; de saber que sabe, intui ele o ser do sujeito, coincidente com o da consciência. Em psicanálise, ao contrário, a função sujeito é inconsciente, não se constitui nesta identidade, subvertida por sua condição, o significante. O inconsciente é sujeito, efeito do significante.

### A "DEFINIÇÃO" DE SUJEITO EM PSICANÁLISE

O termo sujeito, não se encontra em Freud. Lacan, sob a bandeira do retorno a Freud, criou matemáticas que redistribuíram as noções freudianas modificando de maneira significativa o discurso psicanalítico (Miller, 1987b). Há uma solidariedade entre a criação deste matema (\$), a subversão do sujeito e o significante. Enquanto para Descartes o sujeito é primordial na ordem do conhecer, para a psicanálise ele é efeito da linguagem concebida como estrutura de significante, ou seja, ele é efeito na ordem do saber. Como efeito do significante, não se pode identificá-lo à consciência, nem à subjetividade. Não há inconsciente do sujeito, pois o sujeito não é primordial, mas um sujeito do inconsciente. E não subjetivo.

Por que este efeito da linguagem que é o sujeito do inconsciente não é subjetivo?

*Como cada um sabe, esta abordagem da modernidade consiste em tomar por princípio global (e exclusivo) de interpretação a idéia esta relação ao mundo na qual o homem se põe como poder de fundação (fundação de seus atos e suas representações, fundação da história, fundação da verdade, fundação da lei): é um tal poder de fundação que define a subjetividade, no sentido em que a aparição do homem como sujeito designa sua posição como sub-jectum, o subjacente sobre a base do qual tudo*

*deve daravante repousar . (Renaut, 1989, p.27)*

Ora se a subjetividade implica este poder de fundação, identificá-la ao sujeito do inconsciente seria um absurdo. Primeiro por ser ele um efeito, e, por isso mesmo impensável como o que subjaz; segundo por transmitir, justamente, a Idéia não-toda da psicanálise, a falta deste elemento fundador da lei, da verdade, etc... ; finalmente porque esta função é atribuída ao  $S_1$ . O sujeito do inconsciente é um assujeitado.

Pode-se ainda argumentar de outra maneira para evidenciar que não se trata absolutamente de subjetividade. Subjetivo implica necessariamente uma noção de objetividade, compreendendo-se a subjetividade, desta maneira, como mundo interno em oposição ao externo. Freud já ensinara, e Lacan o demonstra, que a inexistência de critérios de objetividade no inconsciente nem se deve a estar ele confrontado a uma realidade inacessível, nem por mostrar-se impotente diante de algo para além de todo saber, (concepção do inconsciente como intimidade): ele é estruturalmente alérgico a uma tal distinção.

Talvez seja melhor começar por filtrar da expressão sujeito as ressonâncias impertinentes à clínica psicanalítica e limitar o campo do equívoco ao que a ela convém.

O sujeito da psicanálise não consiste num sujeito pretensamente representado pelo sujeito gramatical de uma frase, pelo sujeito do enunciado. O sujeito gramatical de uma frase é um significante, e o da psicanálise não. O significante, certamente, define o psicanalista, é o que representa o sujeito, mas não para outro sujeito, o que reduziria a psicanálise a um diálogo, a uma relação intersubjetiva<sup>7</sup>, e sim para outro significante. Não o representa simplesmente, mas o representa para, para outro significante. Esta falha deve-se a sua não coincidência consigo mesmo. Ele jamais se representa, e, indeterminado, é incapaz de determinar. Em sua indeterminação só lhe é possível representar um Outro (A), a pulsão (que, como se sabe, é uma exigência constante e cega, sem repouso nem ciclos, sem teleologia), para

<sup>7</sup>- A intersubjetividade é uma tese introduzida em psicanálise por Lacan e, também, por ele abandonada, por uma questão de lógica. A psicanálise é uma clínica que opera pela linguagem, e ao longo de seu ensino observa-se a preocupação com tornar precisa as condições desta clínica que coincidem com as condições da linguagem. Tratou então de formalizar a assimetria da posição de quem fala e de quem escuta, já pressentida desde a fórmula: "O interlocutor recebe do outro a sua própria mensagem invertida" até concluir que o analista como função de escuta, não a exerce como um sujeito que dialoga e compreende, mas como objeto, que a exerce pontuando a fala. Escansão. Ação do corte para produzir um novo significante.

"Je suis étonné que personne n'ait jamais songé à m'opposer, vu certains termes de ma doctrine, que le transfert fait à lui seul objection à l'intersubjectivité. Je le regrette même, vu que rien n'est plus vrai: il la réfute, il est sa pierre d'achoppement. Aussi bien est-ce établir le fond où l'on puisse en apercevoir le contraste, que j'ai promu d'abord ce que d'intersubjectivité implique l'usage de la parole. Ce terme fut donc une façon, façon comme une autre, dirai-je, si elle ne s'était pas imposée à moi, de circonscrire la porte de transfert. Là-dessus, là où il faut bien qu'on justifie son lot universitaire, on s'empare du dit terme, supposé, sans doute parce que j'en ai usé, être levitatoire. Mais qui ne lit, peut remarquer l'"en réserve dont je fais jouer cette référence pour la conception de la psychanalyse. Cela fait partie des concessions éducatives à quoi j'ai dû me livrer pour le contexte d'ignorantisme fabuleux où je proferer mes premiers séminaires (Lacan, 1973b, p.18) .

um Outro (A) significante. O sujeito acontece entre um e outro significante e, enquanto entre significantes, é sem essência (razão do seu sintoma), uma vez que uma essência, exigiria dele a permanência característica dos sujeitos metafísicos, passíveis de determinação e definição. Do sujeito da psicanálise, dada essa condição estrutural, poder-se-ia dizer que sua "essência" é falta-à-ser. Nem ontológico, nem ôntico, nem transcendental, "seu estatuto é ético" (Lacan, 1964), sendo portanto da ordem do valor.

### **RESPONSABILIZAR O SOFRIMENTO ?**

Aqui surge um problema. Se a falha é estrutural, o sujeito é, necessariamente, sintomático. Como entender a responsabilidade por um sofrimento, esta necessária composição de gêneros que aparentemente se excluem? A palavra sintoma não pertence ao campo semântico da ética. Quem diz ética diz responsabilidade, quem diz sintoma diz perdão. Em que sentido se unem em psicanálise?

Ao contrário da medicina, para a qual o sintoma indica uma perturbação funcional objetivamente detectável e caracterizada por uma lesão, isto é, por uma determinada presença, a psicanálise trata o sintoma como efeito da ação de uma ausência. Ora, uma ausência enquanto tal é nada, não podendo portanto agir ou afetar. A psicanálise, no entanto, está

fundada na potência causal do nada. Como pensá-lo então para que se torne aceitável o exercício que dele se espera e sem o que se tornariam ininteligíveis os fenômenos de que tratam os psicanalistas desde Freud ?

A ação de nada é obviamente inaparente, pois ganhando uma aparência deixaria de ser justamente o que é: ação de nada. Assim pode ser dito que o nada só se fará apresentar devido as estranhas relações que entretém com esta também estranha figura que é o significante.

O sintoma é um significante [S<sub>2</sub>] enquanto ele representa o efeito [S] de esvaziamento de gozo do corpo [a] para outro significante [S<sub>1</sub>]. O resultado disto é uma ausência, uma falha que é o sintoma do sujeito. Além do efeito de sujeito, efeito simbólico, o significante tem um produto real, objeto a, uma ausência de uma outra natureza que não a ausência sujeito, e que vale como sua causa. Um nada que tem como causa um nada, Outro nada. Portanto, em lugar de nada causar, **o nada causa**; eis o que está em jogo em psicanálise. O objeto e o sujeito não são então ônticos, não pertencem a ordem do ser.

Da definição do significante decorre que este envolve uma falha que faz com que ele responda necessariamente mal a sua função. O significante é a primeira resposta a uma exigência pulsional, que não cessa, porque um significante não a satisfaz, demandando um Outro, que repetirá, na ordem



simbólica, a exigência que é incapaz de atender. Desencontro inevitável. O efeito da falha é dito sujeito,  $\$$ , e o produto, objeto,  $a$ , ao qual se atribui a causa deste processo.

O significante apenas orienta a pulsão, não a dirige. Todos os problemas que resultam da orientação equivocada e imprecisa do significante desapareceriam caso a pulsão pudesse ser dirigida. Mas o significante, em sua incapacidade de dizer-se a si e ao seu sentido, só faz produzi-los e reproduzi-los. Toma o lugar da pulsão e a transforma, em vez de satisfazê-la e exprimí-la. Por exemplo, quando se comanda: Seja homem!, omite-se o que é ser homem, e os meios de atingí-lo. A orientação envolve interpretação, isto é, um significante que ao invés de suprimir o equívoco, o reinstaura. Um significante, no esforço de representar à pulsão, instaure-se, diacriticamente, como seu representante, a pulsão implicando, como se vê, um representante necessário e insuficiente. Necessário uma vez que uma pulsão exige resposta; insuficiente, porque, qualquer que ela seja, a resposta dada jamais refletirá a exigência da pulsão.

O sujeito é o efeito da incidência da pulsão ao nível dos significantes. E dado que não há significante que traduza a exigência pulsional, o significante envolve necessariamente uma falha. Paradoxalmente só nada

satisfaz à pulsão, nada que, enquanto tal, também não a satisfaz. Pulsão: exigência de nada que, enquanto exigência, parece exigir algo, só exigindo no entanto o que a torna insaciável, já que nada... não há. Ora o que é o sujeito? Propriamente? Nada. Ele "aparece" por desaparecimento (afânise), na falha do significante, ao responder à demanda da pulsão ou  $S \leftrightarrow D$ . A falha do significante é o sujeito enquanto sintomático. Não há falha do sujeito. A falha é do significante ao representar, no campo do Outro (simbólico), a exigência pulsional. Como nada a representa propriamente uma vez que ela exige nada, e o nada nada representa, o que cumpre esta função, o significante, envolve necessariamente uma falha:  $\$$ . Falha o significante, e o sujeito é sua falha. O ser do sujeito é não ser. O ser do não ser é ser em outro. Afirmar o estatuto do sujeito como sintomático não é senão traduzir esta característica: ser-em-outro. Só que não há o Outro no qual este ser é. A falta-à-ser que se revela o sujeito, devido à insuficiência do significante, repete, neste nível, a impossibilidade de este significar a pulsão. Só na falha do significante o sujeito é, e justamente, enquanto responsável por esta falha, enquanto causado por este nada dele destacado (objeto  $a$ ). Traição da exigência da pulsão, o significante.

**NÃO HÁ CORPO SENÃO DO GOZO**

O significante representa a pulsão, mas para outro significante, dela não sendo, como não é do corpo, a expressão. A pulsão não é concebida como um problema posto pelo corpo e dirigido ao significante, mas, ao contrário, como representada por um significante e responsável pela disjunção irremediável entre corpo e linguagem. O corpo, perdido desde sempre, situado na função de causa. Ela explica a má relação, ou melhor, a não relação entre corpo e linguagem.

*O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito ele não é causa de si mesmo, ele trás em si o verme da causa que o escinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não há efeito de sujeito no real (Lacan, 1964, p.835).*

Mas não se trata de uma divisão entre "dois mundos". Não há dois lados que dêem a ver a divisão. A divisão, diferença significante, propõe um outro lado como possível e que não cessa de ser possível. Logo, como impossível. Tal modalidade de divisão é a essência do significante.

O significante, criador como um Deus, mas imperfeito, este sujeito é falha. No campo do Outro, lá onde Descartes situa o Deus perfeito, o psicanalista põe o simbólico, estrutura não-toda do significante, que subverte a função sujeito. Falar da gênese, do sujeito ou do significante, impossível<sup>8</sup>. Razão

<sup>8</sup> - Chacun sait que, pour structurer correctement un savoir, il est besoin de renoncer à la question des origines (Lacan, 1991, p.18)

porque se fala apenas da constituição do sujeito a partir da estrutura. O efeito de sujeito não decorre da impossível captura de um corpo rebelde pelo significante. Não é o corpo o que ele não captura, mas sua própria diferença. É por não apreender-se a si que produz um corpo como perdido. Sendo diferença, o significante é sempre outro: alteridade radical que constitui o efeito **sujeito do inconsciente**, que não é algo para além do significante, mas uma "descontinuidade no real" (Lacan, 1960, p.801).

### O ESTATUTO ÉTICO DA PSICANÁLISE

Aqui se congregam o estatuto ético e sintomático do sujeito. Na medida em que o significante envolve falha, o sujeito parece sofrê-la. Ele estará sempre do lado do caminho que não foi tomado, como podendo ter sido o melhor. Como já foi dito, não há dois caminhos, há apenas um, e insatisfatório, necessariamente insatisfatório. Mas, embora a falha seja estrutural (sintoma), a culpa que ela engendra (ética) recai sobre o sujeito. Surge como devendo ser assumida por ele, por ele que se acusa lá de onde não está.

E em análise conversa-se com o sujeito? É Lacan quem responde:

*"Ao sujeito pois não se lhe fala. Isso fala dele e é lá que ele se apreende, e tanto mais forçosamente antes que pelo único fator que isso se endereça a ele, ele desaparece sob o significante que fica sendo, ele não era absolutamente nada. Mas esse nada se sustenta em seu*

advento, agora produzido pelo apelo  
feito ao Outro ao segundo significante"  
(Lacan, 1964, p.835).

Duas questões colocadas são aqui respondidas: uma, a que versa sobre a afânise do sujeito, a outra, sobre como situá-lo. Quanto à primeira, a afânise não poderia ser de maneira nenhuma a desaparecimento do cliente, pois este, ao falar de si, não é quem fala. A fala assume o lugar do sujeito, que desaparece sob o significante em que se transforma, não surgindo jamais. Só lá onde a fala falha, do significante há efeito, isto é, sujeito. Dito de outra maneira, lá onde isso dele fala (na falha do significante) deve o sujeito \$ advir: **"Wo Es war soll Ich werden"** (Freud, 1976c). Donde a disjunção entre quem fala e o que é dito. E o que é dito, ao invés de revelar a essência de quem fala, a oculta. Há então algo por trás da fala? Algo escondido? Oculta-se sob o significante o sujeito? Basta retomar o escrito do psicanalista: *"Ele não era absolutamente nada"* (ibid). Ora, o "nada", como já se disse, é obviamente inaparente, pois, ganhando uma aparência deixaria de ser justamente o que é, nada. Só um nada na aparência poderia dar uma aparência ao nada. E o significante é criador desta aparência que aparentemente oculta. A escuta jamais será, se psicanalítica, acesso à intimidade da pessoa, a suas paixões inconfessáveis, nem instrumento de pesquisa da subjetividade, mas modificação da posição de \$ na estrutura dos discursos ( Histérica, Mestre,

Universidade). entre os quais paira a radicalidade do discurso do analista. Não há o oculto na ocultação, entretanto o sujeito não é sem o significante, ainda que não lhe seja idêntico. Sem identidade, porque efeito de um campo de diferenças, campo do Outro [ $A$ ], ele se identifica, isto é, aliena-se ao significante que o representa. Mas o significante não o substitui simplesmente: divide-o, e o constitui como efeito desta divisão. Não há realidade prévia recortada pelo significante. O corte é criador, mas criador de "NADA", criador sem criaturas, e *"este nada se sustenta em seu advento pelo apelo feito ao Outro..."* (ibid).

### **MATEMAS: S**

Por que insistir neste problema, percutir tantas vezes a mesma tecla? Não está claro que a função sujeito, em psicanálise, como efeito do significante, é falha essencial da linguagem, e não de alguém, ou seja, que não se trata de falha contingente, nem subjetiva? Se não se pode da linguagem banir o equívoco (desejo aristotélico) deve-se, entretanto, psicanaliticamente, legalizá-lo; e são tantas as ressonâncias induzidas pelo termo sujeito, dado o uso que dele foi feito pela tradição, que, sem dificuldade, esquece-se a barra que lhe impõe a psicanálise e perde-se de vista a subversão desta função implícita em Freud e formalizada por Lacan.

Este pequeno traço (/) sobre o "S", no já consagrado matema da álgebra da psicanálise,  $\$$ , faz notar que há menos entre um e outro significante do que supõe a nossa vã leitura. Esta barra implica a impossibilidade de falar-se de "algo", que, no entanto, não pode não ser falado, esta estranha insistência que aponta para um horizonte desde sempre inalcançável. Precisamente trata-se da formalização do que em Freud se lê nas entrelinhas da pulsão de morte e que na álgebra é escrito como efeito e produto desta injunção paradoxal:  $\$$  e objeto  $a$ , duas escritas para o nada que a estrutura do significante cria (Silvestre, 1987).

*O objeto  $a$  é ao mesmo tempo o puro semblante, um ser quimérico sem substância, a positivação frágil de um nada, e o núcleo duro, real, a rocha sobre a qual fracassa a simbolização. Eis o que pode explicar o paradoxo da filosofia: ela perde o real pelo mesmo gesto que tenta atingir o ser verdadeiro através da exclusão, a colocação fora de jogo, do semblante, da falsa aparência, dedicando-se a traçar a linha de separação entre o ser verdadeiro e o semblante. A não-consideração do núcleo real assume a forma paradoxal de ceder à falsa aparência, de sucumbir ao poder do semblante: o puro semblante possui um aspecto terrificante pois ele anuncia um real que ameaça fazer eclodir a consistência ontológica do universo (Žizek, 1988, p.23).*

Pondera-se aqui a própria estrutura do discurso, cujos termos não designam ou representam coisas ou substâncias que para além dele existissem inalcançáveis. A subversão psicanalítica reside justamente na elaboração de uma estrutura, a do significante, cujos termos ganham seus valores uns por oposição a outros sem jamais adquirirem consistência real. Produzindo sempre um resíduo que vale como causa do seu próprio retorno, movimento da cadeia de significantes, mas nunca deixando aberta a si mesma a possibilidade de, ao infinito, desdobrar-se. Corte estratégico. Terminável e, e não **ou**, interminável. Terminável pois que a pulsão, exigência incontornável, é de morte; e interminável, pela mesma razão. Pontuação paradoxal. Não por impotência de a linguagem representar algo além, mas por impossibilidade lógica de simplesmente **se** representar: "*não há metalinguagem*" (Lacan, 1960, p.813). Não há ponto final que realmente o seja. E o analista, convidado a sustentar esta posição, deve "*se experimentar assujeitado à fenda do significante*" (Lacan, 1964, p.813). Não há dois pesos e duas medidas. A psicanálise não detém critérios de validade de discursos, nem de valores diferenciais de realidade. O que ela faz justamente é problematizar critérios. Sua clínica é ética. Entre a enunciação da psicanálise e a psicanálise da enunciação a relação é topológica: banda de Moebius. Ambas situam-se do único lado que há, o do significante.



Mas não se poderia objetar ao que foi dito, a consideração de Jacques Alain-Miller segundo o qual nem tudo é significante em psicanálise (1987c, p.94)? Sim, se o que se buscasse aqui não fosse o que se busca: mostrar o envolvimento, na estrutura do significante, de seu efeito e seu produto:  $\$$  e  $a$ . É porque não há consistência no campo do significante, é porque falta um significante no campo do Outro, que do significante afirma-se o que foi afirmado. Certamente nem tudo é significante em psicanálise, uma vez que sua clínica não é uma análise da linguagem, mas uma equivocação do sujeito, entretanto, nela: "*tudo surge da estrutura do significante*" (Lacan, 1973, p.231)

### **OS DESCAMINHOS DE LACAN**

Tal elaboração não se instalou desde o princípio da psicanálise e nem mesmo na elaboração inicial de Lacan. Nela podem demarcar-se três etapas: a fala como mediador intersubjetivo (*Função e Campo*), a ordem do significante como estrutura fechada, diferencial e sincrônica, que funciona como automatismo ao qual o sujeito se assujeita (*Carta Roubada*), e outra (*Subversão do sujeito*). Só a partir da imposição da barra ao Outro, tomado inacabado, *pas-tout*, pôde-se dar conta do sujeito do significante e abrir a via da elaboração do objeto propriamente dito da psicanálise. Esta falta no

Outro, índice de um resíduo não simbolizável, produz um nada como objeto, e, por isso mesmo, causa da falta que o constitui como desejante e não como automatismo cego de uma máquina estrutural anônima. O Outro barrado implica a impossibilidade de realização integral do simbólico que o constitui como um Outro interrogante. Não é ao Outro que o sujeito endereça sua questão, mas à problemática no Outro que constitui o sujeito como uma resposta, precisamente uma "resposta do Real" (Lacan, 1972).

A fórmula, "sujeito, resposta do real", implica esta divisão já tão exaustivamente debatida aqui:  $\$$ . Tal problemática exige uma resposta que resume-se à alternativa: ou mobiliza-se o já sabido ou o que não é da ordem da saber; dois modos da repetição: *tychè* e *automaton*. *Automaton* repetição do significante, *tychè*, desencontro com o significante, encontro com o Real. Por resposta do real entenda-se a instauração de um novo significante ( $S_1$ ) para o qual todos os outros representariam  $\$$ . Dito de outra maneira, trata-se da incidência do Real na ordem simbólica devido à inconsistência que a caracteriza. E como em todas as funções da álgebra lacaniana, mais uma vez comparece a "ação de nada", ou seja, o silêncio significante como resposta. E o novo significante produzido, aquele que desaparece para que todos os outros signifiquem, ponto paradoxal de interseção do Real com o campo do

Outro, redistribui todos os valores deste campo. Na falha do Outro responde o Real. Não devido a um saber, mas a um não querer saber, torna-se possível esta operação, e o inconsciente advém neste lugar. O inconsciente é o sujeito mas... — "o inconsciente, não é que o ser pense (...), é que o ser, falando, goze e, não queira saber de mais nada" (Lacan, 1975, p.143).

### O S E GOZO

Em psicanálise, o encaminhamento da questão ética implica este "nada querer saber disto" (ibid). O gozo é esta instância puramente negativa. Não há significante para o gozo e a possibilidade de saber limita-se pelo significante. Então como formular um saber possível sobre o "Je n'en veux rien savoir"? Tudo parece resumir-se à questão do não-saber no saber, tanto da passagem de um no outro quanto da passagem de um ao outro. Questão que a psicanálise resgata, formulada por Freud primeiro em termos de ICS-PCS/CS, e depois de ID-EGO, e reformulada por Lacan que as escreve nos matemas do gozo [a] e do significante [S<sub>1-2</sub>]. Esta questão que diz respeito aos meios de abordagem do gozo, suas condições, seus limites, seu fracasso, é desenvolvida agora nos termos desta implicação assimétrica.

Os meios de abordagem do gozo são os significantes. Mas este significante, gozo, que evidentemente não é o significante do gozo, não

nomeia, justamente, uma função irreduzível à ordem dos significantes? E não se descortina assim um paradoxo inultrapassável: o órgão é o obstáculo, a condição que permite a abordagem sendo a mesma que a impossibilita? Se a questão é eminentemente psicanalítica, e por isso merece ser elaborada sua complexidade, é porque nelas estão presentes o irreduzível e a exigência de redução. A psicanálise deve navegar a igual distância de Cila e de Caríades. O triunfo do irreduzível seria a aceitação de uma mística do gozo: a redução bem sucedida redundaria numa antropologia da comunicação. A questão retorna: como tratar do gozo através de significantes?

O que é o gozo? Poder-se-ia afirmar que há um ser do gozo, isto é, que o gozo gozaria de uma espécie de autonomia? Viu-se que não é possível abordá-lo sem recurso ao significante, mas nada se disse das relações que entretêm. Ora, se há um gozo que não o do significante, para além do significante, haveria neste caso, um outro gozo relativamente a ele, aquém ou além? E se nada há além do significante, não sendo este então apenas um modo de abordagem do gozo, mas estando na raiz de sua própria constituição, só haveria gozo devido ao significante?

### **OS LIMITES DO USUFRUIR E AS COMPLICAÇÕES DO GOZO**

O problema não parece descabido, uma vez que a leitura dos escritos de Lacan dá margem a um mal entendido perfeitamente contornável desde que se considere seu ensino como um percurso, cuja pontuação e cujo sentido, fixados mas não fixos, transformam-se quando significantes outros o recortam, remanejando retroativamente o já dito. Não há última palavra. Quanto a isso, a problemática do gozo é exemplar:

*"Em 1960, Lacan parecia colocar o ser e o gozo infinito que ele sustenta como prévios ao significante e ao gozo fálico que este faz existir. Nessa abordagem, o significante fálico vem, de algum modo, colonizar um ser que já está lá, a quem importaria seus limites. Mas nos anos setenta, ele inverte esta problemática das relações entre dois gozos. O ser, agora, não é mais concebido como pré-existente ao significante, mas sim como produzido por ele. Em outras palavras, sem o significante, nada existiria, nem mesmo o ser" (André, 1987, p.217).*

O significante, tal como a psicanálise o define, tanto cria o que há quanto o que não há. Cria a diferença. E sem diferença não haveria distinções. O significante não representa diferenças no ser que lhe seriam anteriores, mas é a própria diferença de que até mesmo o ser é efeito. Só que a distinção que o significante cria, por sua diferença, não é sem resto. Há este resto, o gozo,

que escapa à distinção significativa [f:a]<sup>9</sup>. Da mesma forma que é da essência do significante exigir um outro significante, o gozo que o significante produz implica um Outro gozo. O gozo codificado pelo significante, gozo fálico, é um gozo parcial. Parcial não porque seja parte de um todo que lhe escapa ou conseqüência de uma ausência suprimível, nem por resumir-se ao estado em que se encontra, mas porque implica um Outro gozo de cuja existência não há a menor garantia. Da parcialidade decorre a exigência de um Outro que não se sabe se há. Há então outro gozo, não fálico? Gozo, só através do significante. Mas o que caracteriza o gozo (fálico) do significante é remeter a outro do qual nada se sabe - "não há outro gozo senão fálico - salvo..." (Lacan, 1975, p.56). Esta ressalva parece dar a entender que há outro, entretanto no início da frase é afirmado que não. Contradição? Para os que se apressam em julgar, talvez. Outra lógica? Para os que seguirem passo a passo os argumentos, certamente.

Nada melhor para desfazer o pretense mistério do que uma análise do gozo que há. O gozo fálico, parcial, implica um outro gozo que não há. E o implica porque "o gozo não convém - non decet - à relação sexual" (Ibid). Se houvesse outro gozo, não haveria gozo fálico, isto é, no significante, e o que o caracteriza é estar implicado num outro que não há, esta alteridade sendo

---

<sup>9</sup>- Leia-se: função do objeto a.

radical. Senão haveria Outro do Outro no gozo. A propósito escreve Lacan: "*Se houvesse outro, não deveria, não teria que ser aquele. É falso que haja outro, mas sua inevitável suposição se dá, porque aquele que há "non decet"*" (ibid). Portanto, a problemática do gozo se lê como a lógica do significante, sendo o significante a causa do gozo. Não há dois gozos, o que não quer dizer que haja um só. Há um que não convém. "*É falso que haja outro. Isto não nos impedirá de jogar com o equívoco, a partir do falso, e de dizer que não seria preciso que fosse aquele. Suponham que há outro, mas justamente, não há*" (ibid).

Se não há outro, o que quer dizer a ressalva? A seqüência da frase afirma o seguinte: "*salvo aquela sobre a qual a mulher não solta nenhuma palavra*" (ibid). Então há o gozo da mulher, ou melhor, o gozo feminino? Neste ponto é necessário retomar a linha do argumento. Não há gozo sem significante, sendo este causa do gozo. Mas, sendo sua condição é também o que o impede. Disso resulta que não se pode não gozar e não se goza completamente. Nestas condições, o gozo que se produz é insuficiente. Há, então, uma condição no gozo, devido ao significante. O que do gozo se converte em significante nomeia-se gozo fálico, sendo o falo,  $-\phi$ , o significante da falta de gozo ou, simplesmente, o sinal de uma ausência. A posição masculina sendo constituída em função deste significante, a posição feminina também o será, por seu lado negativo. Ao invés de posicionar-se em função do significante da

falta, a mulher ocupa este lugar da falta de significante que só a álgebra permite escrever:  $S(\bar{A})$ . Razão pela qual não existe A mulher. Só o que é significante existe. Sendo a mulher a falta de significante, ela não existe ou não passa de mera suposição que o próprio significante insinua; e como se constitui nesta ausência, ela é não-toda significante, não-toda sujeito. Em suma: não há totalidade sem falha. Não há totalidade. Para que houvesse seria preciso excluí-la. Definindo-se pela falha a mulher assume a castração, mas não-toda, pois pede um suplemento, guardando sempre uma ameaça. Lá onde não há significante goza uma mulher de um gozo que ela nem desconfia.

Cabe, portanto, examinar, com mais detalhe, esta função irreduzível ao significante, produzida pela estrutura, o objeto  $a$ , e que não é um objeto, mas uma letra da álgebra essencial ao discurso do analista.



## O ineliminável dejetivo: a

Não se pode considerar que a releitura de Freud realizada por Jacques Lacan represente um progresso para a psicanálise. Nada mais avesso à Idéia da psicanálise do que a noção de progresso. Nada mais evidente entretanto do que a radical transformação operada por esta releitura. A psicanálise não é a mesma após a obra de Lacan, sem entretanto ser outra. Termos, fórmulas, expressões, inéditos (Miller, 1987b) dão à psicanálise um outro aspecto, o que põe em dúvida, para alguns, a fidelidade aos textos freudianos. Mas a releitura de Lacan é um retorno ao sentido de Freud, um exercício de transmissão da **Idéia da psicanálise**. Uma transformação na qual se reconhece uma fidelidade bem mais dirigida à essência do discurso do que a sua aparência, e que repousa na materialidade da letra e de sua lógica. Apesar da diversidade na aparência, é na lógica elaborada por este psicanalista que se pode e deve reconhecer a transmissão da **Idéia da psicanálise**.

### AS DESVANTAGENS DO VOCABULÁRIO FREUDIANO

A referência à lógica visa desvencilhar a psicanálise de duas sombras que sempre a acompanharam, biologismo e mentalismo, projetadas pelas metáforas freudianas. Da fidelidade, menos ao pensamento do que às imagens freudianas, resultou um progressivo esquecimento da radicalidade de

sua descoberta. A finalidade da releitura de Lacan foi reativá-la, pois o maior perigo que corre uma Idéia sem passado em sua busca de afirmação é o de ser "compreendida", isto é, traída, no interior de categorias já conhecidas. Perigo sem dúvida inevitável, dado que uma nova idéia carece de vocabulário próprio, e sua emergência histórica se faz no interior de termos cujo sentido ela deforma, e que, em contrapartida, dificultam sua apreensão segundo os parâmetros que ela mesma traz.

Seja o inconsciente freudiano. Para Freud o inconsciente é psíquico (Freud, 1972, p.572). Sintagma incompreensível para sua época, o psíquico sendo responsável por um saber distinto do que se alcança por via da consciência (ibid, p.649)<sup>10</sup>. Restaria então, para quem se propusesse a pensar o inconsciente, a região já habitada pelas não conscientes funções orgânicas. Mas os fenômenos em função dos quais Freud elaborara seu conceito, sonhos, sintomas histéricos, lapsos, etc, até então negligenciados pela investigação científica, exigiam, enquanto fenômenos de saber, irreduzíveis portanto à fisiologia, e, além do mais, inexplicáveis pelo sistema consciencial, exigiam que se postulasse a existência de um inconsciente inorgânico, psíquico (Freud, 1974a, p.192), de um verdadeiro "*insu qui sait*". Se se enfatiza o psíquico na

<sup>10</sup> - "Enquanto a psicologia tratou desse problema por uma explanação verbal no sentido de que psíquico significava consciente e que falar de processos psíquicos inconscientes era de um absurdo palpável... (Freud, 1972, 649)

afirmação freudiana, o inconsciente acaba concebido como uma interioridade responsável por um saber distinto do que se alcança por via da consciência, dotado de leis próprias e se contrapondo a uma exterioridade corporal com a qual entreteria inexplicáveis relações de causalidade. Se se sublinha o inconsciente busca-se no interior do corpo um aparelho que o suporte, e perdem-se de vista os fenômenos de saber para os quais foi concebido. Negligenciando o caráter metafórico<sup>11</sup> de seu discurso, e abordando-o segundo registros que não são os seus, a psicanálise diluir-se-ia no já familiar e oscilaria entre uma metafísica de ontem e uma biologia de amanhã. O erro da interpretação mentalista do inconsciente é situá-lo num topos além do corpo; o do reducionismo fisiologista, considerar que regiões do corpo ainda desconhecidas constituiriam seu verdadeiro lugar. Ou não se teria afastado de Descartes: o velho problema da relação entre alma e corpo exigindo, no mínimo, uma nova "glândula" capaz de unir um corpo agora orgânico, e uma alma não mais consciencial; ou não se teria dado um passo em relação à psiquiatria, esvaziando-se de sentido os sonhos, sintomas histéricos, lapsos etc, para, homogeneizando-os às funções orgânicas, prepará-los para uma posterior redução a uma inteligibilidade tradicional. Em ambos os casos evapora-se a novidade freudiana que apontara, desde cedo para o

---

<sup>11</sup> - "Já exploramos a ficção de um primitivo aparelho psíquico cujas atividades são reguladas..." (Freud, 1972, 636).

sentido das formações do inconsciente<sup>12</sup> (Freud, 1972, p.626) justamente a fim de conceber uma Outra tópica que fugisse tanto à anatomia metafísica quanto à anatomia corporal (op.cit. p.572).

Freud nunca pretendeu aventurar-se pela filosofia. Mas isto não lhe bastava: foi-lhe preciso também afastar-se da "fé jurada" de seus mestres<sup>13</sup> (Lacan, 1983, p.9) que, tal como ele, avessos à especulação filosófica, evitavam-na, comprometendo-se a não aceitar qualquer explicação de fenômenos que não se limitasse à mera invocação da fisicalidade.

### **DOS LIMITES DA CIÊNCIA AO INCONSCIENTE SEXUAL**

A questão propriamente psicanalítica, formulada por Freud, negando o S<sub>1</sub> (a fé jurada) de seus mestres (ibid) é: não haveria uma ordem outra de causalidade, não física? A oposição aos mestres parecia forçá-lo a uma consideração metafísica, atribuindo à vontade a moção do corpo não mecanicamente determinado. Se as alternativas são, causas físicas ou causas morais, como considerar, por exemplo, os sintomas histéricos? Sabe-se que sua característica é uma transformação corporal sem base fisiológica. Seria

<sup>12</sup>- "Só achei necessário dar uma negativa categórica de duas delas... a opinião de que o sonho é um processo sem sentido e a opinião de que é um processo somático" (Freud, 1972, p.626)

<sup>13</sup>- "Brucke, Ludwig, Helmholtz, Du Bois-Reymond, tinham constituído uma espécie de fé jurada... tudo se reenvia as forças físicas, as da atração e da repulsão. Quando nos damos essas premissas, não há razão nenhuma para sair delas. Se Freud saiu, é que ele se deu outras". (Lacan, 1986, p.9)

simulação como queriam os médicos ou hybris como pensariam os filósofos? Nada disso. Foi por ter aceito tratá-los criticamente que Freud foi capaz de fazer psicanálise. Se nada de orgânico responde pela conduta histérica e ainda assim nada se possa atribuir a uma vontade saída dos gonzos do racional, qual a causa de seus males? A histérica não fere as leis da bio-lógica nem realiza a pantomima da liberdade espiritual: que lógica seria capaz de tornar inteligíveis seus sintomas? Se Freud aceita tratá-las é porque recusa a posição de mestre, tanto a dos seus, quanto a sua própria, calando-os e calando-se para que pudesse escutá-las. Toma a mesma atitude no que concerne aos sonhos. Sem reduzi-los a seu aspecto orgânico, trata-os como fenômenos de saber, interpretando-os, e recusando seu caráter mântico de comunicados do além. E assim procede com cada uma das formações do inconsciente: lê nelas um sentido. O esforço da psicanálise é o de tornar inteligíveis estes fenômenos que aparentemente escapam às garras da razão. Para executar a tarefa a que se propõe, torna-se necessário realizar uma nova partilha. Rejeitando a classificação tradicional Freud produz um outro corte, inédito, na história do pensamento, e o nomeia o Inconsciente (ICS).

Que é o inconsciente (ICS) freudiano? Uma organização de saber não só alheia como também inacessível à consciência (Freud, 1972, p.653)<sup>14</sup>. Se fisicamente nada afeta a histórica, de que sofre ela? De um saber. Mas de um saber que age à revella da consciência. Soube do que não quer mais saber, "sofre de reminiscências". Como é possível ignorar o que se sabe? Se o psíquico é o órgão do saber (aparelho psíquico), assimilando-o à consciência multiplicam-se os problemas e não damos conta dos fatos. Isso não ocorre se se recorta o psíquico de outra maneira: o saber que se sabe e que se pode saber (CS-PCS), e o saber que não se sabe que se sabe (ICS). Divisão do psiquismo, divisão do saber. Dupla organização com princípios e leis distintas. Mas a metáfora do aparelho pode induzir à dois erros: primeiro, supor que, sob o saber, algo impõe à experiência suas próprias leis; segundo referi-lo ao corpo, a uma região qualquer do corpo, mesmo que ainda não localizada, e, com base nisso, decalcar sua estrutura da...estrutura orgânica. Sujeito...aos significantes da época. Freud divide-se entre a linguagem organicista e a mentalista ao escrever a psicanálise. Divisão significativa: ele passava de uma a outra porque sabia que, tomando a primeira ao pé da letra, perderia o sentido da clínica psicanalítica e do que ela trata, fenômenos de saber; e,

---

<sup>14</sup>- "Ambos são inconscientes no sentido empregado pela psicologia, mas em nosso sentido, um deles, que denominamos Ics, é também inadmissível a consciência...(Freud, 1972, p.653)

levando a sério a segunda, fabricaria um duplo do corpo, substância do saber, e não mais compreendendo como o corpo pode ser afetado pelo saber, daria um corpo ao inconsciente, fantasma:  $\$ \leftrightarrow a$ . O Real de Freud era o significante que o dividia: faltava-lhe o significante .

### **RELER FREUD?**

Lacan lê na claudicação de Freud o corte inédito por ele operado. E formula: " o inconsciente é estruturado como uma linguagem ". O aparelho psíquico não é pensável à imagem de um organismo dotado de leis intrínsecas, nem o inconsciente um alojamento de representações inacessíveis e hostís à consciência. O mentalismo amarra a psicanálise a uma tópica na qual se desdobra um drama subjetivo, que revelado através da fala, converte o psicanalista, que deve alcançar o inconsciente, numa espécie de arqueólogo mental. Ao reler Freud, Lacan enfatiza, não o inconsciente como um saber que, separado e oculto, deforma o saber manifesto, mas a divisão mesma no seio do saber. Não há deformado na deformação: "o inconsciente é vazio". Não há oposição entre dois modos do saber, mas cisão entre um saber e outro. O outro não sendo um saber específico, mas um saber que não é sabido como saber. O inconsciente é corte em ato ao nível do saber (Lacan, 1964). Sem corpo nem alma, inorgânico e sem ambiente, o sujeito [\$] do

inconsciente é fissura do saber, não uma parte do eu (je) inacessível ao eu (moi), mas "discurso do Outro", isto é sujeito à divisão. Divisão pela linguagem [A] cadeia de significantes [S<sub>1</sub>-S<sub>2</sub>].

### MALENTENDIDOS ATUAIS

Mas os novos significantes da psicanálise parecem estar sujeitos às mesmas condições que as metáforas freudianas, não sendo, então, imunes a reduções precipitadas a noções já familiares. A referência à linguagem foi quase que imediatamente tomada como linguisticismo ou linguistomorfismo (quanto a isto é preciso lembrar que em lingüística não se trata de significantes, mas de signos) Além da incompreensão da lógica do significante, esta leitura supõe ser impossível uma escrita psicanalítica da psicanálise, condenando-a à homonímia, a simular outros discursos e conseqüentemente jamais poder distinguir-se deles (Laplanche, 1987, p.50/6)<sup>15</sup>. A posição de Lacan nunca foi

<sup>15</sup>- "E é aqui que se introduz a questão entre os nossos dois últimos morfismos: o nível do processo primário, da energia livre, que se pode classificar como mecano-morfismo ou falsa mecânica, não se poderia descrever também como linguisto-morfismo, e também aqui em referência ao que seria uma falsa lingüística? O modelo não seria o de uma espécie de "linguagem" sem ancoragem, nem interrupção, em que toda a circulação de um significante e segundo todas as vias, contiguidade, semelhança, contraste. Dir-se-ia, como para a mecânica, que se trata de uma falsa linguagem, ou de uma linguagem "deslingüizada"? Uma linguagem mecânica, mas com a mecânica muito especial que seria uma mecânica macroscópica de tipo cartesiano. Eu tinha emitido esta idéia ao criticar o famoso adágio de Lacan, segundo o inconsciente é como uma linguagem, não estruturada. É exatamente o que eu entendo pela mecânica cega ou lingüística cega do processo primário.

Morfismos é, portanto, o termo que empreguei para dizer, de uma outra maneira, este "como-um": como um corpo, como um vivo, como uma linguagem; um "como-um" que já não é aquilo como é, atrevo-me eu a dizer. O que nos leva à idéia de que há um domínio próprio da psicanálise que não é como, ou que está infinitamente longe daquilo como ele é. Neste domínio encontram-se transposições, profundamente alteradas, domínios conexos, mas isto não



sincrética, e exigia todos essas referências, esses materiais, para constituir a autonomia do discurso do analista, distinguindo-o dos outros, o que teve como consequência a formalização da psicanálise: *ÁLGEBRA*. A estrutura significante é formulação psicanalítica porque sua matemização envolve um sujeito [\$] como efeito e o corpo do gozo como produto (objeto a) Nestes termos, ou melhor nestas letras, Lacan formula uma das questões de base da psicanálise: que relações entretêm saber [S<sub>2</sub>] e corpo [a]?

### O SIGNIFICANTE E A CAUSA

Em psicanálise, o saber se estrutura como uma linguagem, ou seja, em significantes [S<sub>1</sub>-S<sub>2</sub>] que, justamente, não são elementos, não são simplicidades, mas envolvem, em sua definição, o inconsciente, sujeito [\$], como efeito de seu corte. Que significa que o saber [S<sub>2</sub>] tenha como efeito de seu corte [S<sub>1</sub>], o inconsciente [\$]? Que é sempre inadequado o saber, sempre inadequado o corte. A *Idéia da psicanálise* é lógica do significante, lógica do corte inadequado, que estabelece desde sempre a falta de um elemento que

---

significa que o domínio psicanalítico se construa, surja a partir destes campos heterogêneos em relação a ele nem, por conseguinte, que se possa, de alguma maneira, deduzir (portanto, reduzir) de uma antropologia, de uma biologia, de uma mecânica ou de uma lingüística" (Laplanche, 1987). O que parece escapar ao autor é simplesmente que a função=significante [f:S<sub>1</sub>-2] não é de modo algum, um conceito lingüístico deformado, mas uma figura teórica genuinamente psicanalítica. A homonímia não deve fazer esquecer que na álgebra lacaniana essa função envolve necessariamente um \$ e um a. Para psicanálise atenta ao papel que nela devem desempenhar o inconsciente, a pulsão de morte e a castração só é concebível que se derive de uma deformação uma forma e não de uma forma uma deformação.

daria consistência ao que restou, um um-a-mais, o Outro  $S(A)$ , estrutura diacrítica, não-toda, do saber. A inadequação do corte tem como efeito o sujeito  $\$$  que é falha do saber em saber-se (*insu qui sait*). E esta falha mesma produz  $[a]$  uma ignorância quanto ao gozo, esta exigência de um corpo para o saber  $[\$ \leftrightarrow D]$ . Falha o saber porque à exigência corporal tem como resposta um outro saber, saber sobre a ausência de corpo [phalus:- $\phi$ ]. Essencialmente inadequado, portanto, sem significado mas não cessando de significar. Significar o quê? Qual a causa desta exigência permanente e sem sentido? A resposta não é do simbólico, mas do real, que é a falha mesma do simbólico na resposta a esta demanda. Mas realmente é nada, e, enquanto nada, causa a errância do saber à procura de um corpo, ausente desde sempre: corpo do gozo: objeto  $a$ .

*"Para gozar é preciso um corpo. Mesmo aqueles que fazem promessa das beatitudes eternas só podem fazê-lo ao supor que o corpo aí se veicula: glorioso ou não, ele deve aí estar. Falta um corpo. Por que? Porque a dimensão do gozo para o corpo é a dimensão da descida para a morte" (Lacan, 1972, p.15).*

### O CORPO DO GOZO

Dito de outra maneira: falar é falar em excesso. E o excesso da fala esvazia de gozo o corpo (Lacan, 1972/3). Mortifica-o. A linguagem exclui o corpo. Quanto mais se fala, mais se falha, porque se busca falar do corpo. A fala faliciza o corpo. Jamais se fala do corpo, mas por sua causa, sem que ele seja significado, e por isso mais se fala, ainda se fala. Eis a maneira de explicar os fenômenos da histérica: tais fenômenos são desprovidos de causalidade física detectável, o aparelho sensorial funciona perfeitamente, mas o que ela sabe através dele, não funciona tão perfeitamente quanto ele mesmo funciona. Não há paralelo entre a imagem do corpo, seus sintomas, e sua realidade física ( por isso mesmo, o corpo enquanto físico, não interessa ao psicanalista, ou melhor, simplesmente não existe, senão enquanto significante). E o discurso histérico não representa, não retrata o corpo. Não faz signo. Não há paralelo, mas assimetria entre discurso e corpo; um plano não representa o outro, não se correspondem. Há um excesso de saber cujo correlato é uma ausência física, não indiferente, mas significante. Este excesso interessa ao psicanalista enquanto ele necessariamente se acompanha de uma falta. As clássicas paralisias não se explicam segundo uma bio-lógica, mas por uma lógica do saber, se se entende por saber a cadeia de significantes. Paralisias

ônticas? Não: éticas. A histérica fenomenaliza o corpo enquanto sabido. Uma causalidade não física: como explicá-la sem furtar-se à razão?

Trata-se da ação da estrutura do significante sobre o corpo. Há esvaziamento de gozo do corpo pelo significante (mortificação). O significante, porque diacrítico, divide e produz um corpo e o "orienta" para outros fins : *"todas as necessidades do ser falante estão contaminadas pelo fato de estarem implicadas com uma outra satisfação à qual elas podem faltar"* (op.cit., p.36). O gozo é função do uso , seja do saber, seja do corpo. Como o significante é essencialmente divisor, produz-se um mais-gozar, resíduo desta Outra satisfação, para a qual não há significante  $S(A)$ , para a qual não há corpo[a]. O significante põe em cheque a imagem corporal fazendo vacilar toda certeza sobre seu ser. Mas não há ser corporal. O corpo real [a] é produzido como perdido, desde sempre. A imagem [(a)] simula um corpo (significado), faz semblante para o sujeito que é efeito da falha em saber-se corporal. O corpo é o que o sujeito deseja, por isso mesmo não o possui. É o produto de uma demanda feita ao sujeito [ $S \leftrightarrow D$ ] pelo significante  $\_S1$ : *Gozal?*, impossível de se satisfazer, uma vez que, efeito de saber, não há corpo para seu gozo (Lacan, 1971, p.33). Houvesse, seria o cadáver. Por isso mesmo, este produto é causa de desejo, e o desejo, lei das falhas desta busca

insensata de um gozo para o sujeito, de um corpo para o saber." *Tudo surge da estrutura do significante*" (Lacan, 1973) porque essencialmente não-toda, equivocante, incorrigivelmente fissurada.

### A DIFERENÇA SEXUAL E O SIMBÓLICO

O significante faz a diferença sexual. A diferença entre corpo real [a] e corpo imaginário [i (a)] é simbólica. O registro simbólico é apenas diferença. Isto quer dizer que o **objeto a** não está além da imagem ou do simbólico, mas é produto da incompletude do simbólico, elemento paradoxal, constituindo-se como pura perda e constituindo-o como não-todo [ $\bar{A}$ ]. A ação do significante esvazia de significado a imagem. Desqualifica-a. Fá-la semblante. Torna-a aparência de. Se se põe um real para além da imagem, metafísica. Se se a reduz a simples aparições, efeitos fisiológicos complexos, psicologia. A **Idéia da psicanálise** nem é uma coisa, nem outra, mas metapsicologia: análise radical da estrutura não-toda do significante. Nem filósofo, nem psiquiatra, o psicanalista trata um sujeito dividido. Um \$ (sujeito) efeito de uma exigência que não pode deixar de se realizar, ainda que sendo impossível de satisfazer. Sujeito iludido em possuir um corpo [ $\$ \leftrightarrow a$ ] que, enquanto imagem ou significado, vem em suplência à não-totalidade do simbólico e aparentemente o totaliza. Sujeito alienado ao significante, este produtor do objeto a como pura perda: "substância gozante" (Lacan, 1975, p.36). \$ e a:

impossível saber o que se passa em Um a partir do Outro. Eles só se encontram em fantasia [ $\$ \leftrightarrow a$ ], como se não fossem efeito e produto do significante, como se não fossem constituídos como heterogêneos. Por isso, a diferença simbólica é diferença sexual. O significante não distingue Imaginário e Real como um par de complementares, mas Um do Outro. Não há o par da divisão. Há Um: divisão. A estrutura do nó borromeano não é feita de tal maneira que um laço sempre separe os outros dois? O Simbólico portanto é o que faz a diferença, separando-os. E não há simbólico puro, já que nele está implicada a consequência de sua falha constitutiva: a imagem enquanto significado, efeito do significante que simula sua completude; o Real, enquanto resto da divisão, produto do significante, resíduo da diferença e, por isso mesmo, irredutível a ele. O real faz-se causa. O simbólico, estrutura estruturante, produz porque não-todo, mas não produz o que lhe assegure estrutura e equilíbrio. A completude é um efeito imaginário. Seu produto, o objeto  $a$ , não é feito à imagem e semelhança sua, mas como inaparente (não especularizável) e diferença, logo, incompatível com sua exigência. Gerador de entropia (mais-gozar). Conclui-se que o simbólico é heterossexuante, divisor de diferenças de "qualidade". Seu efeito e seu produto, qualitativamente heterogêneos, jamais se encontram. E só se buscam porque jamais se encontram. Nessa busca do que não se encontra — satisfação da pulsão, exigência cega do significante

[ $\$$ ] \_\_ encontra-se o que não se busca, o Real, encontro faltoso (tyque), porque ao significante falta um corpo para o gozo do sujeito. Se o encontro com o objeto do gozo é impossível, só sendo possível e necessário o encontro com sua ausência, é porque a sexuação, operação simbólica, é castração, diferença e separação de  $\$$  e  $\alpha$ . Logo: "não há relação sexual".(Lacan, 1971, p.6)

### **A PSICANÁLISE NÃO É UMA CIÊNCIA**

*O curioso é que Freud pensava que fazia ciência. Ele não fazia ciência, ele estava em vias de produzir uma certa prática que pode ser caracterizada como a última flor da medicina. Esta última flor encontra refúgio aqui porque a medicina tinha numerosos meios de operar, inteiramente repertoriados previamente, regras como pauta musical, que devia se chocar com o fato de que havia sintomas que nada tinham a ver com o corpo, mas apenas com aquilo que no humano é afligido, se posso dizer, pela linguagem. Pela linguagem de que é afligido, ele supri ao que é absolutamente incontornável: não há relação sexual no humano (Lacan, 1975, p.18).*

Lacan, dissolve a distinção entre teoria e prática. A clínica psicanalítica não é a aplicação de uma técnica a um objeto hipotético, para validá-lo ou refutá-lo. A psicanálise não é uma teoria do conhecimento, mas uma prática, ou melhor, uma "ética do desejo para além do princípio do

prazer" (ibid). O desejo é a implicação da ignorância no saber, comum aos discursos. Mas só no discurso do analista a ignorância ocupa lugar de agente: desejo do analista. O objeto  $a$  não é constituído, mas produto da destituição do saber, que faz advir um novo significante responsável pelo remanejamento retroativo dos valores: "capitonagem"; ele desloca o  $\$$  para o lugar do Outro, fazendo com que assuma a falta de que o acusava. Impossível confundir a psicanálise com um sistema de referências a partir do qual aferir-se-iam variações. Este discurso visa produzir referências outras, não sendo ele mesmo uma delas, mas disposição da estrutura que faz passar de uma a outra.



## **As possibilidades de laço social e o novo laço: a→\$**

O objeto da psicanálise é, então, o objeto *a*. Que não é, para falar propriamente, um objeto, mas uma letra que designa, uma função precisa na álgebra psicanalítica<sup>16</sup>: sua irreducibilidade a todo modo de conhecimento. A psicanálise não é uma teoria que conhece um objeto, mas o discurso de uma prática. Não há contemplação, nem constituição do "objeto". Impensável, metafísica nenhuma pode concebê-lo; inespecularizável, escapa as garras de qualquer ciência. O que não implica abdicar de toda racionalidade possível. A função desta letra é escrever este impossível.

Mas a confusão da psicanálise com um modo de conhecimento não é sem motivos. Freud, em seus esforços de racionalizar a clínica, teorizou a infância, "o sistema nervoso", "os primórdios da humanidade". Especulativamente, por certo, mas deixando no ar a esperança de um dia serem levadas à racionalidade propriamente científica. Ora, lá onde Freud pensava estar sua falha, seu fracasso quanto à racionalidade psicanalítica, era lá que estava sua verdadeira descoberta: a peste. E Lacan, em seu "retorno",

---

<sup>16</sup>- "Pour permettre d'expliquer les fonctions de ce discours, j'ai avancé l'usage d'un certain nombre de lettres. D'abord, le *a*, que j'appelle objet, mais qui n'est quand même qu'une lettre." (Lacan, 1975, p.30)

fez valer não o que Freud buscava, mas o que encontrou. No rastro de seus "erros" encontram-se os materiais com os quais faz-se psicanálise. Mas isso só tem efeitos aceitando-se, como recomendou Lacan, os princípios que em psicanálise são postos. Em que outro discurso o ato falho é tomado como, justamente, o bem sucedido? Esta exigência quanto aos princípios fê-lo mudar o próprio estatuto da psicanálise: ainda que aliada ao espírito científico, o de que ela trata não é ôntico, mas ético (Lacan, 1973).

Lacan, entretanto, não legou uma obra acabada, fechada, totalizada, o que em parte explica, mas de modo algum justifica, esta hemorragia de discursos que se fazem em nome da psicanálise. Esta hemorragia, fracasso de qualquer logificação, não pode ter o aval daquele cujo esforço foi, justamente, elaborar, o que freqüentemente passa despercebido, uma lógica do fracasso, uma lógica do significante. Se só há fracasso onde há saber, só lá onde sobrevive-se ao fracasso pode-se falar em sujeito. Sujeito, isto é, responsabilidade e culpa. O significante implica tanto uma falha quanto o resíduo que a protege de toda supressão, exigindo, face a ela, uma posição. As modalidades de discursos são as variações que assumem a falha [§] e o resíduo [a]. O discurso do analista, no entanto, como se verá, é

o único que sustenta esta falha como irremediável, inultrapassável<sup>17</sup>. Todos os outros trabalham em nome de sua superação, sob as espécies do esforço de harmonização. Trabalham para que haja a relação sexual.

### **AS POSSIBILIDADES DE LAÇO SOCIAL**

Os discursos são, então, possibilitados pela estrutura do significante. A produção dos discursos se faz pela disposição dos elementos e dos lugares. Sua formalização se dá pela colocação em ordem tanto dos lugares quanto dos elementos que irão ocupá-los. Do canto superior esquerdo, no sentido horário, os lugares são denominados: Agente, Outro, Produção, Verdade. Os elementos são os já conhecidos:  $S_1$  (mestre ou poder),  $S_2$  (saber),  $\$$  (sujeito),  $a$  (gozo ou semblante). Têm-se respectivamente os discursos do Mestre, da Histórica, do Analista, da Universidade.

### **DISCURSO DO MESTRE: O COMANDO**

Parte-se do discurso do Mestre, Discurso em que na dominante funciona o poder  $S_1$ . Sob o significante-mestre, que exige um saber  $S_2$  no lugar do Outro, há a fantasia de sustentação do gozo no campo da ética, o campo do outro propriamente dito. Fantasia que dá à lei a ilusão de consistência e por isso mesmo produz um mais-gozar, já que o mestre carece de um povo que

<sup>17</sup>- "... j'enoncé que le discours analytique ne se soutient que de l'énoncé qu'il n'y a pas rapport sexuel". (Lacan, 1975, p.30)

saiba o que significa o que diz, de alguém que o compreenda para que haja harmonia. Eis a impossibilidade do discurso do mestre: fazer com que se "saiba" o que se quer dizer. Ora, o saber é em si mesmo transformação, traição do significante-mestre que, por sua vez, é já "traição" do Real. Tal discurso é daquela espécie de impostura na qual um efeito performático surge como constatação, uma invenção é travestida em reconhecimento. Pode-se compreender melhor o discurso do mestre entendendo-o como instauração, como fundação radical de uma ordem. Mas uma ordem precisa ser sabida para ser cumprida e caso o fosse impediria o surgimento de outras modalidades de discursos. Este fracasso empírico do mestre exige outros discursos, isto é, outras posições subjetivas em face do  $S_1$  e impõe que se postule uma estrutura do significante da qual se deduza o próprio discurso do mestre, como apenas uma modalidade.

### **DISCURSO UNIVERSITÁRIO: O COMENTÁRIO**

Segue-se o discurso Universitário que trabalha para a compreensão do mestre e cuja impotência é verificada nesta busca de um fundamento último para o saber. Seria a prática do comentário. Mas o comentário incide sobre o dito do Outro e não sobre o que o causa, e busca esclarecê-lo supondo que representa (no sentido de representação), o Real. "Que se diga, permanece esquecido", daí a impotência do comentário que busca

fundamento para o que não o possui, o ponto de apoio que "uniria" Simbólico e Real, este lugar vazio, já que não há o sentido do significante-mestre, "Outro do Outro", metalinguagem. Ora, por que dizer do discurso universitário que é impotente se o que busca é, na verdade, impossível de encontrar? Claro, não se trata de impotência quanto à compreensão do Outro. Isto é impossível. Mas em fabricar um novo significante. Apto apenas à confiança na miragem do Outro, ele só produz um sujeito incapaz de fundação. Impotência em produzir um mestre  $S_1$ , em saber que o Outro é uma invenção.

### **DISCURSO HISTÉRICO: A INTERROGAÇÃO**

A outra modalização da estrutura significante é o discurso histórico. Surge sob as espécies da queixa, da interrogação. O discurso histórico é todo aquele que interroga. E como a interrogação exige resposta, é claro que este tipo de discurso produz um saber. Mas saber que não satisfaz, pois o saber, enquanto tal, é desprovido de consistência, o que o discurso histórico revela. Exigindo um mestre que o oriente quanto ao gozo, este discurso põe a nu sua impotência em levar às últimas conseqüências o que se deduz desta exigência. Se é preciso um mestre é que o gozo pleno se perdeu; e, uma vez perdido, como reencontrá-lo? Só fabricando um outro gozo e não aquele que se queria. Mas, justamente, o que caracteriza o discurso histórico é a fixação, no Outro de um ponto cego a partir do qual se gozaria, mas que não se

consuma, pois, sobre este horizonte, o que se quer é uma imagem, isto é, um saber. Donde a impotência histórica em deduzir a consequência lógica de sua posição subjetiva: não há saber sobre o gozo. Ninguém pode contar ao Outro como se goza. Por isso, quanto mais acata esta demanda de gozo, menos goza o sujeito, impotente em assumir sua condição: não há Outro que o faça gozar. Eis porque "o gozo do Outro não é sinal de amor" (Lacan, 1975). Ele insinua que há um gozo mas não ensina como "isso" goza. O histérico, em seu discurso acusa o outro de não ensinar o que sabe sobre o gozo e culpa a si mesmo por não saber gozar. A razão da impotência nesta modalidade reside em não assumir o pior: não há saber do gozo. Impotência em se tornar analista, isto é, em saber que não há saber sobre a relação sexual.

#### **A POSIÇÃO SUBJETIVA DE FREUD**

Como se deu em Freud o discurso do analista? Acatou, não-toda, a demanda histórica; aceitou escutá-la, e nada mais. Recorde-se como foram aventadas por Freud (1974a) duas hipóteses para explicar uma possível dissolução do sintoma: dinâmica e dupla inscrição. Esta consiste em elaborar o "conteúdo inconsciente" e relatá-lo ao analisando. Verifica-se então a impossibilidade de remover um sintoma da ordem do saber apenas pela comunicação do que se supõe ser sua causa. Dito de outra maneira, quando alguém se sabe mal, é impossível contestá-lo. Sua única chance, nota Freud, é

que ele mesmo se saiba de outro modo. Eis em que consiste a outra hipótese, a dinâmica, com a qual permaneceu. De nada valerá o que fale o Outro ; só quando o sujeito assume o lugar do Outro e modaliza o saber é que este se vê afetado do valor de verdade. Enquanto o mestre funda e fala, seu avesso, o analista, escuta e cala.

### **DISCURSO DO ANALISTA: A ESCANSÃO**

Como se estrutura então o discurso do analista? Ele trabalha no lugar da causa, impossível de ser dita, para que o sujeito advenha no lugar do Outro e produza um significante novo. De que maneira isso é possível? Evitando a compreensão, a posição do analista opacificada e nada reflete, porque sabe (ou deve saber) que nada sabe do gozo do Outro. Melhor ainda, sabe que não há significante para esse gozo. E nada pior do que insinuar um gozo que não há. Assim, o analista, ao ocupar a estratégica posição de escuta, aponta para a divisão subjetiva  $\$$ , e pontua a demanda do Outro para que o sujeito assumia de que significante é ele efeito, produza um novo significante, um mestre. O que não é tudo. O final de uma análise produz um analista e não um mestre. Um mestre trabalha pela harmonia e produz entropia, mais-gozar, uma vez que harmonia não há. A posição do analista se sustenta justamente da impossibilidade de harmonia. Disse Freud: *"Flectere si nequeo superos,*

Acheronta movebo"<sup>18</sup>. Quer isto dizer que como demônios, os psicanalistas cairiam sobre cidade para tormento dos séculos? Não. Ao sustentar-se o desejo do analista, espera-se, de seu silêncio quanto ao gozo, que se reduza, não-todo, o mal-estar na cultura. Porém não-todo que não resulta de uma impotência, mas da impossibilidade lógica de o sujeito gozar do gozo do Outro. Em matéria de gozo não há transmissão. Por isso diz-se que o final de análise é a travessia da fantasia. Em  $\$ \langle \rangle a$  há o suposto encontro do sujeito com o objeto do gozo e o discurso do mestre é a universalização desta ficção. Basta que haja uma exceção para que tudo seja posto a perder. É quando entram em cena as táticas ortopédicas que pretendem ajustar, acomodar, adaptar, paradoxalmente sugerindo já outras vias de subversão. Mas gozo, só no singular. Solitário. Impossível de ser compartilhado. Eis uma das maneiras de ler  $S(A)$ , a paradoxal condição do  $\$$  que, no campo do Outro, não compreende seu gozo.

### **IDÉIA DA PSICANÁLISE**

Não faz sentido então falar em método ou técnica psicanalítica. A psicanálise é um discurso, isto é, um modo de laço social. Uma estratégia de vinculação ao Outro. Ao contrário de uma teoria que visa conhecer um objeto

<sup>18</sup>- "Se não posso dobrar os Poderes Supremos, moverei as regiões infernais". Verso de Virgílio usado como epigrafe da *A Interpretação dos Sonhos* (1972, p.647).



fictício, que seria da ordem do simbólico, o produto final de uma análise é também um objeto, mas da ordem do Real. Um resíduo ineliminável, um dejetivo, o objeto *a*, que não é efeito de um saber-a-mais, como um território que se conquistou, mas justamente, de um menos-saber, o que só se pode não saber e exige não ser ignorado. E só esta ignorância quanto ao gozo pode e deve dirigir uma cura.

## BIBLIOGRAFIA

- Andre, Serge, *O que quer uma mulher*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- Aubenque, Pierre, *Le problème de l'être chez Aristote*, Paris, PUF, 1983.
- Badiou, Alain, "Lacan et Platon: Le matheme est-il une idée?" in *Lacan avec les philosophes*, Paris, Albin Michel, 1991.
- Benveniste, Emille, *Problème des linguistique général I*, Paris, TEL, 1966.
- Cavé, Madeleine, *L'Ouvre paradoxal de Freud*, Paris, PUF, 1948.
- Deleuze, Gilles, *Différence et Repetition*, Paris, PUF, 1968.
- Freud, Sigmund, *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- *Artigos sobre a Metapsicologia* (1914/15), Rio de Janeiro, Imago, 1974a.
- *Além do princípio do prazer* (1920), Rio de Janeiro, Imago, 1976a.
- *O Ego e o Id* (1923), Rio de Janeiro, Imago, 1976b.
- *Malestar na Civilização* (1930), Rio de Janeiro, Imago, 1974b.
- *Conferência XXXI*, (1932) Rio de Janeiro, Imago, 1976c.
- Gueroutl, Martial, *Descartes selon l'ordre des raisons*, Paris, Aubier, 1968.
- Jakobson, Roman, *Lingüística e Comunicação*, Rio de Janeiro Cultrix, 1975.
- Koyré, Alexandre, "Galilée et Platon" (1943), in *Études d'histoire de la pensée scientifique*, Paris, Gallimard, 1973.
- Lacan, Jacques, *O Seminário Livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953/4), Rio de Janeiro, JorgeZahar, 1983.
- *O Seminário Livro 2: O eu na teoria e na técnica freudiana* (1954/55), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- *Le Séminaire Livre VII: L'éthique de la psychanalyse* (1959/60), Paris, Seuil, 1986.
- *Le Séminaire Livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964), Paris, Seuil, 1973.
- *Le Séminaire Livre XVII L'envers de la psychanalyse* (1959/60), Seuil, Paris, 1991.
- *Le Séminaire Livre XIX: ...ou pire*, inédito, 1971.

- *Le savoir du psychanalyste*, inédito, 1972.
- *Le Séminaire Livro XX: Encore* [1972/3], Paris, Seuil, 1975.
- "Fonction et champ de la parole et du langage dans la psychanalyse" [1953], in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966a.
- "Variantes de la cure type" [1955], in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966b.
- "La chose freudienne" [1955], in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966c.
- "Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien" [1960], in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966d.
- "Position de l'inconscient" [1964], in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966e.
- "Du trieb de Freud et du désir du psychanalyste" [1964], in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966f.
- "La science et la vérité" [1965], in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966g.
- "L'Étourdi" [1972], in *Scilicet 4*, Paris, Seuil, 1973a.
- "Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École", in *Scilicet 4*, Paris, Seuil, 1973b.
- "Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines" [1975], in *Scilicet 2/3*, Paris, Seuil, 1970.
- Laplanche, Jean, *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*, Paris, PUF, 1987.
- Lévi-Strauss, Claude, *L'homme nu*, Plon, Paris, 1971.
- *Antropologia Estrutural I*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.
- Miller, Jacques-Alain, *Matemas I*, Buenos Aires, Manantial, 1987a.
- "Respuestas do Real" in *Aspectos del malestar na cultura*, Buenos Aires, Manantial, 1987b.
- *Percurso de Lacan*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987c.
- *Matemas II*, Buenos Aires, Manantial, 1988.
- *Lógicas de la vida amorosa*, Buenos Aires, Manantial, 1991.
- *Cause et Consentement*, inédito, 1987.
- *Extimité*, inédito, 1985/6.
- *Les divins details*, inédito
- Renaut, Alain, *L'ère de l'individu*, Paris, Gallimard, 1989.

Saussure, Ferdinand, *Curso de lingüística geral*, Rio de Janeiro, Cultrix, 1988.

Silvestre, Daniele. "El Fantasma", in *Aspectos del malestare en la Cultura*, Buenos Aires, Manantial, 1987.

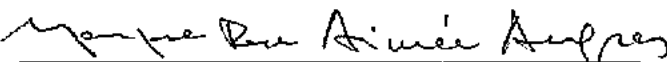
Zizek, Slavoj, *Le plus sublime des Histeriques*, Paris, Point Hors Line, 1988.

— *Ils ne savent pas ce qu'ils font*, Point Hors Line, 1990.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelo aluno Ricardo de Barros Cabral, intitulada "A idéia da Psicanálise", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:

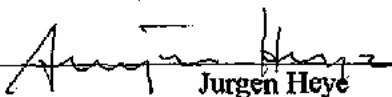
  
Dra. Circe Navarro Vital Brazil - PUC/Rio  
Professora Orientadora

  
Dra. Junia de Vilhena - PUC/Rio

  
Dra. Monique Rose Aimée Augras - PUC/Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1995.

  
Jurgen Heye  
Coordenador dos Programas de  
Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas